

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Título: Etnicidade e Voto em Angola

Nome do candidato(a): Albino Oliveira Xavier Wassuca

Mestrado em Ciência Política

Orientador(a):
Doutora Ana Lúcia Sá, Professora Auxiliar
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2023



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento(s): Ciência Política e Políticas Públicas

Título: Etnicidade e Voto em Angola

Nome do candidato(a): Albino Oliveira Xavier Wassuca

Mestrado em, Ciência Política

Orientador(a):
Doutora Ana Lúcia Sá, Professora Auxiliar
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2023

Dedicatória

Aos meus pais com muito amor e carinho, por tudo que eles representam na minha vida

Agradecimento

O trabalho a que me propus nesta dissertação, não teria acontecido sem o apoio inestimável de muitas de pessoas.

Em primeiro lugar, uma palavra de apreço especial para Deus que criou os céus e a terra, pois sem Ele não conseguiria alcançar os meus objetivos neste mestrado.

À minha tutora, a Professora Doutora Ana Lúcia Sá, a quem admiro e cujos sábios conselhos, sempre modestamente apresentados como propostas, demonstraram um singular rigor intelectual, reconhecido no mundo académico.

À minha Esposa Mariza da Conceição Wassuca e aos meus filhos pelo apoio dado, aquando da minha estadia em Lisboa, pois sem eles não conseguiria terminar os meus estudos.

Aos meus pais, Xavier Albino e Maria Imaculada, pelo incentivo e apoio, pois sem a vossa existência não estaria hoje aqui defendendo esta dissertação. Esta dissertação é de fato o término de um processo que teve a sua génese com a admissão ao Curso de Mestrado em Ciência Política no ISCTE – IUL.

Outrossim, gostava de agradecer ainda aos meus professores que pela sapiência e rigor científico demonstrado ao longo deste curso, permitiu-me ter um olhar crítico e aprofundado sobre os temas abordados, e também uma palavra de apreço aos meus digníssimos colegas cuja amizade proporcionou um bom ambiente de trabalho.

À todos que de uma forma direta ou indireta contribuíram para que este trabalho pudesse se tornar uma realidade.

O nosso muito obrigado!

Resumo

Em Angola, desde as primeiras eleições em 1992 até 2022, nenhum outro partido venceu as eleições, excepto o MPLA, apesar das perdas de mandatos desde as eleições de 2012. O partido UNITA sempre esteve na segunda posição.

A dissertação procura responder a seguinte questão: Até que ponto o comportamento eleitoral em Angola é influenciado pela etnia? Para responder, analisa, os modelos explicativos do comportamento eleitoral no geral, da África, dos angolanos em particular, questões ligadas à etnicidade, bem como os resultados em todas as eleições, desde 1992 até 2022. Procura perceber a razão da vitória permanente do Incumbente do ponto de vista geral e algumas perdas sucessivas de mandatos no círculo nacional e no círculo provincial de Luanda, desde 2012.

Outrossim, analisa a disputa da hegemonia eleitoral na província de Luanda onde a oposição (UNITA) venceu as eleições de 2022 com a plataforma FPU. Existe em Angola 5 partidos com assento parlamentar fruto da última eleição (2022). Destes, três são partidos multiétnicos (FNLA, MPLA e UNITA), e um étnico (PRS).

Portanto, a etnicidade desempenha um papel fundamental no comportamento dos eleitores.

Palavras - chaves: Eleições, etnia, partidos políticos, comportamento eleitoral

Abstract

From the first elections in 1992 until 2022, no other party has won the elections, except the MPLA, despite losing mandates since the 2012 elections. The UNITA party has always been in second position.

The dissertation seeks to answer the following question: To what extent is electoral behavior in Angola influenced by ethnicity? To answer, it analyzes the explanatory models of electoral behavior in general, of Africa, of Angolans in particular, issues linked to ethnicity, as well as the results in all elections, from 1992 to 2022. We sought to understand the reason for the permanent victory of the Incumbent from a general point of view and some successive losses of mandates in the national circle and in the Luanda provincial circle, since 2012.

Furthermore, the dispute over electoral hegemony in the province of Luanda was analyzed, where the opposition (UNITA) won in the 2022 elections with the FPU platform. There are 5 parties in Angola with parliamentary seats as a result of the last elections (2022). Of these, three are multi-ethnic parties (FNLA, MPLA and UNITA), and one ethnic (PRS).

Therefore, ethnicity plays a fundamental role in voter behavior, but its influence has diminished with each election.

Keywords: Elections, ethnicity, political parties, voting behavior

INDICE

Capítulo 1. Introdução	1
Capítulo 2. Estado da Arte	3
2.1. Modelo Explicativo do Comportamento Eleitoral	3
2.2. Modelo Explicativo do Comportamento Eleitoral em África	4
2.2.1- Etnicidade e o Voto em África	6
2.3- Comportamento Eleitoral em Angola (indicando os lugares de implantação dos partidos políticos)	8
Capítulo 3 – Metodologia	11
3.1. Justificativa	11
3.2. Importância do Estudo	12
3.3. Objetivos	12
3.3.1. Objetivo Geral	12
3.3.2. Objetivo Específico	13
3.4. Hipóteses	13
3.5. População e Amostra.....	13
3.6. Escolha do Caso	13
3.7. Metodologia de Abordagem	14
3.8. Variáveis	14
3.8.1. Variável Dependente	14
3.8.2. Variáveis Independentes	15
Capítulo 4 - Análise de Resultados	17
4.1. Comportamento Eleitoral em Angola	17
4.1.1. Primeiras Eleições Gerais – 1992	17
4.1.2. Eleições Legislativa – 2008	20
4.1.3. Segunda Eleições Gerais – 2012	22
4.1.4. Terceira Eleições Gerais – 2017	24
4.1.5. Quarta Eleições Gerais – 2022	26
4.1.5.1. FPU - Frente Patriotica Unida	27
4.2- Comportamento Eleitoral na Província de Luanda	30
4.3- Representação Gráfica das Cinco Eleições 1992 , 2008, 2012, 2017, 2022	31
Capítulo 5 – Conclusões	37
Referência Bibliográficas	38
Anexos A	41
Anexos B - Perguntas (Feitas aos inqueridos), Tabelas e Gráficos	42

Anexos C - Entrevista feito a um Deputado	48
Anexos D - Entrevista feita ao Dr. Olívio Kilumbo	50
Anexos E - Resultado Das Eleições Legislativas Em Angola - 2008	55
Anexos F - Resultado Das Eleições Gerais Em Angola 2012	58
Anexos G - Resultado Das Eleições Gerais Em Angola 2017	61

Índice das Figuras e Tabela/Gráficos

Figura 1	20
Figura 2	20
Figura 3	21
Figura 4	23
Figura 5	23
Figura 6	24
Figura 7	25
Figura 8	25
Tabela/gráfico nº 01	28
Tabela/gráfico nº 02	29
Tabela/gráfico nº 03	29
Tabela/gráfico nº 04	31
Tabela/gráfico nº 05	32
Tabela/gráfico nº 06	33
Tabela/gráfico nº 07	34
Tabela/gráfico nº 08	35

SIGLAS E ABREVIACÕES

APN - Aliança Patriótica Nacional

ART – Artigo

CAP – Comité de Ação do Partido

CASA-CE - Convergencia Ampla De Salvação De Angola

CFPCP - Comissão Federal Do Partido Comunista Português

CLIP - Comissão De Luta Contra O Imperialismo Português

CME - Comissão Municipal Eleitoral

CNE - Comissão Nacional Eleitoral

CPO - Conselho Consultivo Da Oposição

CRA - Constituição Da República De Angola

EUA - Estados Unidos De América

FNLA - Frente Nacional De Libertação De Angola

FPU - Frente Patriótica Unida

FUMA - Frente Unida Para Mudança De Angola

ISPIL - Instituto Superior Politécnico Intercontinental De Angola

MINA - Movimento Para Independência De Angola

MPLA - Movimento Popular De Libertação De Angola

ND - Nova Democracia – União Eleitoral

OMA –Organização da Mulher Angolana

P – Ndjango - Partido Nacionalista Para Justiça Em Angola

PAPOD - Partido Popular Para O Desenvolvimento

PCA - Partido Comunista Angolano

PDA - Partido Democrático De Angola

PHA - Partido Humanista De Angola

PLUAA - Partido De Luta Unida Dos Africanos De Angola

PLUS - ANGOLA - Partido De Libertação E Unidade Social De Angola

PRA-JA - Partido Do Renascimento Angolano - Juntos Por Angola

PRS - Partido De Renovação Social

UNITA - União Nacional Para Independência Total De Angola

UPA - União Dos Povos De Angola

INTRODUÇÃO

A relação entre etnicidade e comportamento eleitoral tem sido um tema de considerável interesse e importância em estudos políticos, particularmente em contextos onde a diversidade étnica desempenha um papel significativo na configuração do cenário político. Em Angola, um país que abriga uma rica diversidade de grupos étnicos, a interseção entre identidade étnica e participação política levanta questões cruciais sobre a natureza e a extensão da influência étnica no processo democrático.

A diversidade étnica em Angola é evidente, refletindo-se em grupos distintos. A sociedade angolana possui mais de dez línguas nacionais, que são: Umbundu, Kimbundu, Kikongo, Tchokwe, Nhaneka-Humbi, Kwanhama, Nganguela, Herero, Fiote e Nhemba. A língua oficial de Angola é o Português e outras línguas são regionais dos grupos étnicos. Angola é um país com várias etnias, sendo que os Ovimbundus representam 37% da população, Kimbundus 25%, Bakongos 13%, Mestiços (mixed European and native African) 2%, Europeus 1%, outras etnias 22% (<https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/angola/#people-and-society>), entre outros.

Nesse contexto, explorar até que ponto a etnicidade molda as escolhas dos eleitores torna-se imperativo para compreender as dinâmicas eleitorais no país.

Com objetivo de avaliar o impacto da etnicidade no comportamento eleitoral em Angola e explorar possíveis interações entre a etnia e outras variáveis, como nível educacional ou localização geográfica, na explicação do comportamento eleitoral, esta dissertação centra-se sobre as eleições em Angola (1992, 2008, 2012, 2017 e 2022).

A presente pesquisa busca desvendar as complexidades dessa relação, analisando os fatores que conectam a identificação étnica às decisões nas urnas. Ao longo deste estudo, examinaremos não apenas as tendências no comportamento eleitoral entre diferentes grupos étnicos, mas também as possíveis variáveis que podem mediar ou moldar essa relação, bem como os modelos explicativos do comportamento eleitoral em África e em Angola em particular, questões ligadas à etnicidade, bem como os resultados em todas as eleições.

Procurou-se perceber a razão da vitória permanente do Incumbente do ponto de vista geral, ganhos e perdas sucessivas de mandatos no círculo nacional e no círculo provincial de Luanda, desde as eleições de 2008.

Consideraremos elementos como preferências políticas, histórico político, condições socioeconómicas e outros fatores que podem influenciar a forma como a etnicidade se manifesta no cenário eleitoral angolano.

Por meio dessa exploração, aspiramos contribuir para um entendimento mais profundo das forças que moldam o processo democrático em Angola e, por extensão, oferecer

percepções valiosos para a compreensão de dinâmicas semelhantes em outras sociedades marcadas pela diversidade étnica.

Esta dissertação está estruturado da seguinte forma: O segundo capítulo está reservado para o Estado da Arte e fala dos modelos explicativos do comportamento eleitoral do ponto de vista geral, e enumera quatro modelos que explicam o comportamento eleitoral, nomeadamente o modelo sociológico, psicológico, escolha racional e modelo institucional. Fala também de uma forma particular os modelos explicativos do comportamento eleitoral em África, voltados para a etnicidade. O terceiro capítulo descreve os métodos empregue, os instrumentos de recolha e análise de dados utilizados e o procedimento seguido para a obtenção de resultados válidos. O quarto capítulo está reservado para análises dos resultados de todas as eleições, bem como de algumas razões do fracasso da UNITA nas eleições de 2008 e as constantes vitórias do MPLA e breve comparação das perdas e ganhos de mandatos por parte de 4 partidos, nomeadamente, o FNLA, MPLA, UNITA e PRS, e por fim as conclusões.

Capítulo 2 - ESTADO DA ARTE

2.1. Modelo Explicativo do Comportamento Eleitoral

Neste capítulo, vou abordar os modelos explicativos do comportamento eleitoral do ponto de vista geral, quatro modelos que explicam com exatidão o comportamento eleitoral, nomeadamente o modelo sociológico, psicológico, escolha racional e institucional, bem como modelo explicativo do comportamento eleitoral em África. Assim, o comportamento eleitoral tem sido uma das áreas mais investigada na ciência Política, debruçando-se a forma como os eleitores votam e escolhem os seus candidatos ou partidos políticos. Surge então a seguinte pergunta: O que explica o comportamento dos eleitores nas urnas?

Segundo Erdmann, (2007); Kramon, (2017), & Basedau e Stroh (2011), apresentam quatro modelos que explicam o comportamento eleitoral, a saber: (a) Modelo da escolha racional – explica que o eleitor tem que usar a razão para escolher o seu candidato; (b) Modelo psicossocial, da escola de Michigan, EUA diz que a Psicologia é o meio principal para explicar o comportamento dos eleitores; (c) Modelo sociológico diz que os aspetos sociais, jogam um papel fundamental no comportamento do cidadão nas urnas, (d) Modelo Institucional, destaca a influência das instituições políticas no comportamento eleitoral, isto inclui a maneira como as regras eleitorais são estruturadas, o papel dos partidos políticos, o sistema de votação, entre outros.

O modelo da Escolha Racional foi emprestada da economia e foi apresentada por Antony Down (1957). Este modelo está concentrado nos fundamentos das escolhas individuais, onde o eleitor tem a probabilidade de escolher candidato da sua preferência, agindo conscientemente na escolha da melhor ação, tendo a auto-determinação. Geralmente a escolha racional visa alcançar a melhor relação entre os custos e benefícios de forma a alcançar um objetivo específico, bem como explicar o comportamento político.

Andrews e Inman (2009), citado por Huntington (1993), apesar da escolha racional, o clientelismo persiste até hoje da mesma forma que no passado.

Harding (2015), diz que em momentos de campanhas, políticos oferecem bens públicos, em especial em áreas subdesenvolvidas para cativar a atenção dos eleitores.

Segundo Basedau & Stroh, (2011), pode-se comparar o voto étnico com a escolha racional, considerando que o cidadão tende a votar a um candidato da mesma etnia. Assim, o modelo de escolha racional encara o eleitor como um analista, ou seja, um avaliador de programas eleitorais.

O modelo sociológico apresenta três fatores que influenciam o comportamento eleitoral, a saber a posição social-económica, religião e a morada.

Beard & Wilson (2006), citado por Huntington (1993), explica que a religião é importante para explicar o comportamento eleitoral em África.

Segundo Dalton (2013), o modelo Psicossocial fala da necessidade que as pessoas têm de pertencerem ou de se identificarem a um determinado grupo. O ponto fulcral é a filiação política ou a um partido político mediante laços familiares.

Erdmann (2007), concorda com Dalton (2013), no tocante ao modelo psicológico que tem como centro a pessoa e suas motivações psicológicas e também está intrinsicamente ligado com a Identificação Partidária, enfatiza que o modelo psicológico é mesmo que a identificação partidária, pois a identificação é determinada por análises ou reflexões racionais e não por laços afetivos que de fato é muito importante para este modelo. A Identificação Partidária é definida como um produto sócio-psicológico dos laços familiares e dos grupos sociais.

Segundo Huntington (1993), o comportamento do eleitor é resultado do seu caráter, da sua crença e do grupo social em que está inserido, o que permite o seu envolvimento na política. Da mesma forma que um indivíduo se identifica com uma religião é da mesma forma que acontece com a identificação partidária, que se obtém mediante processo de socialização cuja influência vem de um amigo, colega e até mesmo de familiares.

Em relação ao modelo Institucional, Long e Gibson (2015) vêm a forma como as instituições moldam o ambiente político, pode afetar as escolhas dos eleitores. Outrossim as instituições podem também influenciar a acessibilidade dos eleitores à informação política, a competitividade entre os candidatos e a eficácia do governo.

2.2. Modelos Explicativos do Comportamento Eleitoral em África

Este subcapítulo, fala dos modelos explicativos do comportamento eleitoral em África. Além do modelo de Escolha Racional que nos permite saber a razão pela qual muito eleitores mudam seu voto de eleições a eleições, o modelo psicossocial de identificação partidária, que nos dá uma ampla compreensão do comportamento de muitos cidadãos que votam sempre em um único partido político e o modelo sociológico que “explica a razão das pessoas se identificarem com determinados partidos durante um período de eleições” (Erdmann, 2007); Há um outro modelo que explica com precisão o comportamento eleitoral em África: O modelo de Clivagem (Erdmann 2007) e o modelo de Distribuição Relativa (Carlson 2018).

Por outro lado o clientelismo, vínculos pessoais e a etnia, são fatores que também explicam o comportamento eleitoral em África.

De acordo com Lipset e Rokkan (1967), o modelo de clivagem está dividido em três aspectos essenciais: (a) As clivagens sociais relevante, bem como a sequência histórica do seu surgimento são: Centro versus Periferia (Sujeito/cultura dominante), Estado versus Igreja (Secularização), Rural versus Urbano (Economia primária/secundária) e Capital versus Trabalho (proprietário/trabalhador); (b) Desenvolvimento do sistema de clivagem em oposição

a política partidária nacional; (c) Comportamento eleitoral individual complexo. (Lipset e Rokkan 1967, p. 1-2)

As clivagens Capital – Trabalhador, Estado – Igreja, não justificam o alinhamento do eleitor em África. A clivagem Rural – Urbano pode influenciar o alinhamento político dos eleitores em África. As diferenças nas necessidades, acesso a recursos e desenvolvimento podem moldar as preferências políticas, levando o alinhamento distintos entre eleitores urbanos e rurais, ou seja eleitores urbanos podem priorizar questões diferentes como emprego e infraestrutura, enquanto que eleitores rurais podem se concentrar em questões agrícola e acesso aos serviços básicos. A clivagem Centro-Periferia, torna-se importante para o contexto africano pois explica o comportamento eleitoral em África, apesar que a etnia não esteja claramente no modelo apresentado por Lipset-Rokkan, implicitamente está inserida na clivagem centro - periferia, porque, mediante esta clivagem, originou-se na Europa Ocidental muitos conflitos sobre a cultura dominante do estado nação emergente, ou seja , foi o conflito entre vários grupos étnicos sobre domínio cultural do estado e, por essa razão a etnicidade é usada como clivagem social em África, considerando que ela pode fornecer base para explicar o comportamento eleitoral e a formação de partidos políticos, ou seja, este modelo tem sido usado para argumentar que a etnia fornece a clivagem social, básica para o comportamento eleitoral e a formação de partidos e sistemas partidários em África.

Dendere (2013), citado por Huntington (1993) diz que por exemplo no Zimbabué, os eleitores fazem suas escolhas em função das preferências políticas e económicas ligadas a uma ideologia preferida.

Andrews e Inmas (2009), ao utilizar o inquérito do Afrobarómetro da Terceira ronda de 2005, a sete países africanos, dizem que, além dos laços étnicos afetarem a escolha do voto em África, é importantes as avaliações retroativas do desempenho económico.

Por outro lado, no projeto realizado por Erdmann (2007) , fez uma coleta de dados de 1000 entrevistas de oito das dez regiões selecionadas aleatoriamente na Zâmbia, cuja variáveis usadas são sócio estruturais e o autor chega as seguintes conclusões: A etnia ou identidade ético-política não é o único, mas apenas um fator que explica os resultados eleitorais, pois parece haver apenas um grupo central de eleitores étnicos e membros do partido ético. A etnia é importante para o alinhamento do eleitor, bem como para a filiação partidária na Zâmbia, e fornece a clivagem social básica para o comportamento do eleitor bem como a formação de partidos políticos.

No estudo realizado por Hoffman e Long (2013) em Gana sobre o comportamento eleitoral nas eleições, mostra que tem havido fortes padrões de votação étnica envolvendo nomes de partidos políticos como a etnia dos candidato. Por exemplo a etnia Asante votam no NPP enquanto que os Ewew apoiam o NDC.

Porém é interessante a afirmação de Huntington (1993), quando diz que “à luz das recentes descobertas em muitos países africanos, muitos investigadores sugerem que a etnicidade não deve ser abandonada como determinante da escolha do voto, porém a forma como ela é encarada deve ser refinada”. (Huntington, Samuel P, 1993, p.31).

2.2.1- Etnicidade e o Voto em África

A respeito da etnicidade, tem havido grande debate na literatura africana para defini-la. Os grupos étnicos desfrutam de uma crença subjetiva comum, por causa das similaridades físicas, culturais ou ambas, ou por causa de memória de colonização e migração. Essa crença deve ser importante para a propagação da formação do grupo, não importa se efetivamente há ou não relacionamento de sangue.

Podemos encontrar duas definições mínimas sobre etnicidade a partir dos seguintes aspectos:

- a) Segundo Baseadau (2011), quando encontramos uma sociedade ou uma comunidade específica cujo o sentido de pertença é comum;
- b) Segundo Stroh (2011), a pertença a esta sociedade depende principalmente da linhagem de família ou a nível local e a mesma sociedade difere de outras sociedades por traços étnicos, como língua, história, cultura, raça ou religião, partilhada por esta mesma sociedade.

De acordo com Ishiama (2012), podemos entender que os laços étnicos, baseados em parentesco e família, língua e dialeto, costumes tribais e comunidades locais, bem como religiões compartilhadas, desempenham um papel fundamental na política partidária (John Ishiama 2012).

Segundo Ishiama (2012), o voto étnico acontece em função de fatores como:

1- Concentração geográfica - Sempre que se vota, o eleitor é motivado, mediante proximidades, ou seja, pelo fato de ser moldados pelo interesses comuns, mas também por comunidades geograficamente próximas e não necessariamente motivações étnicas ou por beneficiar de patrocínio;

2- Laços étnicos - De acordo com o modelo da escolha racional, os laços étnicos permitem que o eleitor vote em candidatos da mesma etnia, pois baseiam-se em cálculos racionais, porque fazendo assim repercutirá em benefícios aos eleitores da mesma etnicidade. Segundo Long e Gibson (2015), a votação expressiva étnica diz que os eleitores devem votar em candidatos da mesma etnia, e podem perdoar o mau desempenho de titular co-étnico, considerando que tal ato representa um compromisso com a etnia, mesmo sem esperança de receber benesses;

3- Discriminação Étnicas - No momento da mobilização e de persuadir tais eleitores, as lideranças políticas enfrentam um mosaico marcado de uma diversidade substancial, por este motivo é frequente o clientelismo eleitoral.

Por outro lado tem havido discriminação de grupos étnicos por parte do incumbente o que em muitos casos leva a alocação de votos do bloco, em outras forças políticas, como afirma Kramon (2007), quando um grupo étnico é discriminado, no período eleitoral concentrarão o seu voto em outro partido político. Por outro lado, quando o incumbente distribui bens a um determinado grupo étnico, a probabilidade deste grupo alocar o seu voto no incumbente é maior.

Segundo Carlson (2018), somente os bens de primeira necessidade discricionário de forma diferente entre candidatos e eleitores, faz com que aqueles eleitores com informação insuficiente permite que eles saibam se os concorrentes estariam melhor na posição de vencedor ou de perdedores, pois,

“ a corrupção e a burocracia fraca muitas vezes tratadas como resultado de votação étnicas e clientelismo podem realmente ser a causa, onde os líderes não estão dispostos, ou são incapazes de disseminar informações orçamentais, os eleitores estratégicos têm boas razões para priorizar distribuição na decisão de como votar” (Carlson, 2018, p.12)

Na necessidade de suprir algumas necessidades de grupos discriminado, muitos eleitores ou líderes de grupos tendem a vender seus votos a partidos políticos, que também é considerado de voto clientelista.

Carlson (2018), acredita que os bens são distribuídos tendo em conta a linhagem étnica, o que pode desembocar em votação étnica; por outro lado, muitos eleitores votam em políticos que não fazem parte da sua etnia, desde que esperem que esses políticos atendam as suas necessidades ilimitadas e suas comunidades com bens de primeira necessidade.

Segundo Kramon (2017), o impacto do clientelismo eleitoral não é igual para todos os países, pois nem todos os países africanos são de baixa renda.

“Gana e Quênia são países com níveis semelhantes de desenvolvimento, urbanização e instituições políticas formais. No entanto em Gana, cerca de 7% dos adultos receberam um folheto eleitoral durante as eleições de 2008, enquanto que no Quênia, cerca de 40% receberam um folheto antes das eleições de 2007” (Kramon, 2017, p.5).

Kramon (2017), apresenta três variações, no que tange ao clientelismo eleitoral, pois, muitos políticos trocam benefícios particulares em troca de apoio político. Aqui é onde reside tal variação que consiste em diferentes formas e contexto:

- (a) Em alguns contextos, os políticos direcionam recursos diretamente para os eleitores no momento das eleições;
- (b) E em outros contexto, os políticos trocam benefícios com as elites locais em troca de votos em blocos ou seja, estes líderes têm autoridade de emitir votos de uma forma coerciva, no aspeto físico, económico, usando o monopólio sobre os recursos valiosos como terras, empregos, serviços sociais. Neste aspeto, a cidadania está abaixo da cor partidária, ou seja a militância em um partido político (partido incumbente), tem mais valor que a cidadania, o que mina o desenvolvimento da democracia;
- (c) Em outro contextos, os políticos trocam bens coletivos com grupos de eleitores. Assim “os políticos podem trabalhar através de líderes de grupos centralizados para convencer os eleitores de que eles fornecerão os bens e recursos públicos que desejam” (Kramon, 2017).

O exposto acima, Carlson (2018) chama de distribuição relativa.

2.3- Comportamento Eleitoral em Angola (indicando os lugares de implantação dos partidos políticos)

Existem em Angola, cinco partidos principais: MPLA, UNITA, FNLA, PRS e CASA-CE. Fruto das eleições de 2022, a Assembleia Nacional é composto de 5 partidos, nomeadamente o MPLA, com 124 deputados, a UNITA com 90 deputados, FNLA, PRS e PHA com 2 deputados respetivamente.

Segundo, Heywood (1989), houve em Angola, mais do que um partido que considerava ser o legítimo herdeiro do Estado pós colonial, ou seja, antes da independência, havia em Angola muitos movimentos de resistência cujo papel desempenhado foi importantíssimo para o surgimento de movimentos de libertação de hoje, como a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), Movimento de Libertação Popular de Angola (MPLA) e a União Nacional para a Independência total de Angola (UNITA).

Segundo Bittencourt (2016), houve naquela altura o problema da desunião e questões étnicas que preocupavam os líderes dos Movimentos de Libertação. Por exemplo, numa conferência de imprensa um dos dirigentes do MPLA Pinto de Andrade disse aos jornalistas em Leopoldville, em Maio de 1962 e ele falava da necessidade de unir ações desenvolvidas pelos nacionalistas de diversos movimentos, pois “ o ponto essencial da nossa política interna continua a ser procura constante de unidade de ação entre diversas organizações nacionalistas de Angola combatente. É um fato estabelecido hoje que o MPLA nunca poupou os esforços para a criação duma frente comum de formação política”

“As questões de divergência étnicas sempre estiveram na base da guerra entre irmãos, ou seja uma das causas da guerra civil em Angola foram as questões étnicas”. (Bittencourt, Marcelo, 2016, p. 171).

O MPLA, foi fundado na década de 50, porém não há consenso entre a verdadeira data, devido a fusão de muitos movimentos como (PLUAA – Partido de Luta Unida dos Africanos de Angola; o PCA – Partido Comunista Angolano; CFPCP – Comissão Federal do Partido Comunista Português; CLIP – Comissão de Luta Contra o Imperialismo Português e o MINA – Movimento para Independência de Angola) deram origem do MPLA. Porém, oficialmente o MPLA foi fundado a 10 de Dezembro de 1956. O primeiro ato público a nível nacional foi realizado em Dezembro de 1962, onde António Agostinho Neto lhe foi atribuído o cargo de presidente do MPLA. Por ocasião da transformação da UPA de Holden Roberto em FNLA no mês de Março de 1962, e com MPLA, formaram dois grandes movimento bem organizado cuja a missão era fazer campanhas anticolonial.

A visibilidade do MPLA surge em 1961, com o ataque do 4 de Fevereiro deste mesmo ano em Luanda. Projetaram-se no exterior para fortalecer o recém movimento organizado, pois muitos dos seus representantes foram convidados em várias atividades em Portugal, Moscovo por formas a estarem bem formatados para dirigir o país. O MPLA consolidou – se como um partido, nas suas ações militares, demonstrando a sua superioridade em relação a outros movimentos existente no país. Sua influência expandia-se de Catete, sul e leste do país. Face a sua expansão o MPLA tornava-se o melhor movimento independentista na história de Angola por ocasião da sua expansão, teve grande influência com a independência da Zâmbia que o ajudou a expandir-se no leste, pois em 1966, o MPLA teve uma ação Armada no Moxico, Cuando Cubango e por conta disto atingiu também o nordeste de Angola, nas Lundas a oeste e no Bié, concretamente nos anos de 1969. O MPLA era fortemente mestiço e Kimbundu (Os kimbundus são uma das maiores categoria etnolinguístico do país), cujo as raízes territoriais encontravam-se na parte norte do país, ou seja, o MPLA é mais ocidental, embora a sua base é o corredor do Kuanza. Luanda Catete, Kuanza Norte e Malanje. A Elite do MPLA é do Gulungo Alto. (Kilumbo, Olivio, entrevista, Janeiro 3, 2023)

A FNLA como movimento de luta contra o colonialismo português originou – se com a União dos Povos do Norte de Angola (UPNA), cujo fundador é Holden Roberto nos anos de 1950 na RDC e em 1958, o nome é mudado para UPA (União dos Povos de Angola). A UPA era o movimento anticolonial que estava muito mais projetado a nível internacional considerando em função da influência do seu líder Holden Roberto que tinha no seio de muitos políticos africanos. Porém a FNLA é resuluatdo da junção da UPA – União dos povos de Angola com o PDA – Partido Democrático de Angola, que em 1962 informaram numa conferência de imprensa em Leopoldoville o nascimento da FNLA. Ibidem

Os objetivos políticos naquela altura permitiu a junção destas duas forças politicas, por

formas a fazer frente às forças coloniais ou dominante, de modos a ter maior coordenação inter-étnica, para terem maior aceitação no povo angolano. “Esta nova força política tinha por objetivos a condução da ação do movimento em libertar Angola do jugo colonial, respeitando os princípios democráticos e a integridade nacional, adoptar as políticas de não alinhamento e não adesão como princípio básico da política externa do governo com plena reafirmação, em colaborar com os países que respeitem a sua soberania interessados na manutenção da paz mundial.” Ibidem

Houve divergência de interesses no meio da FNLA em função das ocorrências do ano de 1966, surgiram divisão no seio do grupo, o que de certa forma o movimento sentiu-se enfraquecido. Holden Roberto não conseguiu se instalar no leste de Angola. A FNLA tinha aceitação entre os Kikongos, mais a norte do país ao longo da fronteira com o Zaire.

De acordo com Heywood (1989), a UNITA com origens no interior de Angola é o terceiro movimento anticolonial a emergir em Angola, tendo pouca projeção na arena internacional, fundada por Jonas Savimbi em 1966. Savimbi notou naquela altura a falta de um movimento verdadeiramente nacionalista que deveria avir a ser formado no sul de Angola, pois considerava Savimbi que todos os movimentos estavam concentrados ativamente no norte, representando assim suas etnias, pois estavam deixando de lado o sul de Angola. As primeiras bases da UNITA vem do Norte, depois foram os Kwanhamas e Tchokue e a última, é a base étnica Ovimbundu.

Segundo Heywood (1989), diz que “*But in order for Unita to gain legitimacy and to be projected as a viable government for all Angolans, Savimbi sought to create a multi-ethnic national movement which would both transcend the concerns of the Ovimbundu as well as incorporate their institutions.*” Linda M. Heywood ,1989, p.47.

Para Martins (2015), era necessário criar um movimento que pudesse representar todas as etnias do sul, daí a formação da UNITA por formas a obter ganhos políticos.

A UNITA, tinha suas raízes do povo Ovimbundo, a maior categoria etnolinguística, com 37% da população angolana, pois os ovimbundus viviam nas terras do centro do país concretamente na cidade do Huambo, Bié , Benguela e o Sul do Cuanza Sul. (<https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/angola/#people-and-society>).

O Partido de Renovação Social, foi formado depois da independência nacional e bem antes da eleições de 1992, isto é em 1990. Nas primeiras eleições gerais em 1992, elegeu seis deputados a Assembleia Nacional. PRS é um partido de Centro – Esquerda com ideologia federalista e progressista. Teve sua origem dentro do grupo étnico Quioco ou Chokwé. Por exemplo, em 2008 elegeu oito assentos em função do desempenho nas províncias das Lundas Sul e Norte. Atualmente é um partido que com assento parlamentar.

Capítulo 3 - METODOLOGIA

Este capítulo é dividido em subcapítulos, visando apresentar o processo de pesquisa realizado desde a justificativa, importância do estudo, formulação da questão de pesquisa, hipóteses, objetivos, metodologia de pesquisa, população e amostra e escolha de caso, por formas a obtermos os melhores resultados.

3.1- Justificativa

Angola, marcada por uma rica diversidade étnica, tem enfrentado desafios significativos na construção de um sistema político inclusivo e representativo. A interseção entre etnicidade e comportamento eleitoral tornou-se uma área de crescente importância, mas permanece subexplorada na literatura académica existente. Esta pesquisa busca preencher essa lacuna, fornecendo uma análise aprofundada da relação entre etnicidade e escolhas eleitorais em Angola. A compreensão das dinâmicas eleitorais é de suma importância para o fortalecimento da democracia em Angola.

Esta investigação não apenas contribuirá para o corpo de conhecimento existente, mas também oferecerá percepções valiosas para formuladores de políticas, pesquisadores e líderes comunitários, auxiliando na promoção de processos eleitorais mais transparentes e representativos. Ao abordar essa questão, a pesquisa não apenas identificará padrões de tendências, mas também explorará as complexidades subjacentes que moldam as escolhas dos eleitores. Isso permitirá uma análise mais holística das forças que moldam o cenário político em Angola, fornecendo informações críticas para a construção de políticas que promovam a inclusão e abordem as disparidades percebidas.

Além disso, este estudo pretende estabelecer uma base para pesquisas futuras e incentivar uma discussão contínua sobre as relações entre etnicidade e participação política em contextos diversos. A relevância desta pesquisa transcende o âmbito académico, buscando fornecer ferramentas práticas para fortalecer o sistema democrático e a coesão social em Angola.

A justificativa para este estudo reside na necessidade de responder à pergunta de partida:

Até que ponto o comportamento eleitoral em Angola é influenciado pela etnia?

3.2- Importância do Estudo

A escolha das ferramentas teóricas utilizadas para interpretação e análise das causas e origem de uma determinada disputa eleitoral do ponto de vista étnico, revelou ser de uma extrema importância, considerando que a etnia como uma clivagem social, ganhou um lugar de destaque na compreensão da política africana (Berman et al. 2004).

A análise do comportamento eleitoral em Angola, especificamente em relação à etnicidade e voto, é de importância significativa por diversas razões: (a) Diversidade Étnica e Coesão Nacional: Angola é caracterizado por uma diversidade étnica marcante com grupos como Ovimbundu, Kimbundu, Bakongo, etc. Compreender como essa diversidade influencia o comportamento eleitoral é crucial para promover a coesão nacional e mitigar possíveis tensões étnicas; (b) Consolidação Democrática: Em um contexto democrático em evolução, entender as alterações do comportamento eleitoral é fundamental para fortalecer as instituições democráticas em Angola. Isto contribui para o desenvolvimento de processos eleitorais mais transparentes, justos e representativo; (c) Prevenção de Conflitos: A análise da relação entre etnicidade e voto, pode ajudar a identificar potenciais pontos de tensão e prevenir conflitos relacionados a identidade étnica durante processos eleitorais. Isso é especialmente crucial em sociedades pós-conflito, como Angola; (d) Inclusão e Representatividade: Compreender como a etnia influencia as escolhas dos eleitores é essencial para promover a inclusão e a representatividade. Essa análise pode informar políticas que buscam garantir a participação equitativa de todos os grupos étnicos no processo político; (e) Desenvolvimento de Políticas Eficazes: O conhecimento sobre o impacto da etnicidade no comportamento eleitoral fornece uma base para o desenvolvimento de políticas mais eficazes. Isso permite que os formuladores de políticas abordem questões específicas relacionadas à diversidade étnica de maneira informada e direcionada. As lições aprendidas em Angola podem ser aplicáveis a outros contextos regionais e globais.

Portanto a análise do comportamento eleitoral em Angola não apenas beneficia a própria nação, mas também oferece percepções valiosas para a compreensão mais ampla das relações entre etnicidade e política em diversos cenários ao redor do mundo e em África em particular.

3.3- Objetivos

3.3.1- Objetivo Geral

- ✓ Avaliar o impacto da etnicidade no comportamento eleitoral em Angola, buscando compreender até que ponto a etnicidade influencia as escolhas dos eleitores.

3.3.2- Objetivos Específicos

- 1- Identificar as principais tendências no comportamento eleitoral entre diferentes grupos étnicos em Angola;
- 2- Analisar as variações na participação eleitoral com base na identificação étnica e a influência do voto étnico nos resultados eleitorais;
- 3- Examinar como as preferências políticas variam entre os diferentes grupos étnicos;
- 4- Explorar possíveis interações entre a etnia e outras variáveis, como nível educacional ou localização geográfica, na explicação do comportamento eleitoral;

3.4- Hipóteses

Para responder a pergunta de partida e aos objetivos desta dissertação, foram colocadas as seguintes hipóteses:

- ✓ H1. A Identificação étnicas influencia as preferências políticas, que por sua vez afetam o comportamento de voto;
- ✓ H2. Diferenças nas condições socioeconómicas podem explicar variações na participação eleitoral entre grupos étnicos.

3.5- População e Amostra

Este estudo é constituído de cidadãos da província de Luanda, abrangendo uma população de 2000 cidadãos. Neste sentido reduziremos a nossa amostra representativa em 1000 cidadãos, para que possibilite o manuseio e domínio da referida amostra.

Assim sendo, no mês de Agosto de 2020 a Junho de 2021, usamos uma amostra representativa pequena, no Instituto Superior Intercontinental de Luanda (ISPIL) localizado em Luanda. No entanto foi realizado 1000 entrevistas em vários estudantes de quase todos os município de Luanda, dos quais, 650 do sexo feminino e 350 masculino e cuja as idades variam entre 22 à 55 anos. (ver anexo A).

3.6- Escolha do Caso

Na escolha do caso tivemos em conta os seguintes aspectos:

Geográfico – No aspecto geográfico para este estudo tivemos em consideração, Angola como um todo, em particular a província de Luanda. Não significa que houve exclusão de outras províncias do país. Angola é considerado um país unitário (CRA art. 3 e 5), tem 18 províncias e cada uma com sua particularidade, más esta escolha deve-se pelo fato de Luanda ser a maior praça eleitoral.

Cronológico – Esta dissertação centra-se sobre as eleições em Angola (1992, 2008, 2012, 2017 e 2022), pois com a queda do muro de Berlim, bem como término da guerra fria, e a 31 de Maio de 1991 Angola passou do regime de mono partidarismo para o pluripartidarismo, e em 1992 ocorreu em Angola as primeira eleições, embora a oposição na pessoa do Dr. Jonas Savimbi, não ter aceite os resultados eleitorais, alegando a fraude. Nestas eleições a oposição (UNITA) sentia-se vitoriosa, devido ao voto tribal ou étnico. Desde 2008, Angola passou a ter eleições periódicas, amadurecendo assim a jovem democracia.

Serão analisados os resultados eleitorais de todas as eleições ocorridas em Angola, ou seja, análise do círculo nacional e provincial.

Assim a Constituição Angolana de 2010 adoptou o chamado Sistema Eleitoral de Representação Proporcional para a eleição dos deputados à Assembleia Nacional, por um mandato de 5 anos (art.º 143º, nº 2). Para este efeito, existem 19 círculos eleitorais, um nacional, também denominado "círculo de compensação", onde são eleitos 130 deputados. Adicionalmente, existem 18 círculos eleitorais provinciais com igual representação: 5 deputados são eleitos para cada província (art. 1º e 2º, alíneas a e b).

No processo de conversão dos votos obtidos por cada partido político ou coligação de partidos políticos em mandatos, o método de cálculo é diferente para os círculos eleitorais nacionais e provinciais. Para os círculos eleitorais nacionais, é aplicado o método Hare modificado, enquanto o método d'Hondt é aplicado nos círculos eleitorais provinciais (artigo 27, números 1 a 4).

Assim contamos com a CNE (Comissão Nacional Eleitoral), que disponibilizou os dados das eleições.

3.7- Metodologia de Abordagem

Este estudo é, na sua essência, uma análise quantitativa e qualitativa.

3.8- Variáveis

Para se testar as hipóteses apresentadas é preciso identificar as variáveis a serem analisadas:

3.8.1- Variável Dependente

- ✓ Escolha Eleitoral - que será medida através de votos para determinados partidos, participação nas eleições, etc.

3.8.2- Variável Independente

- ✓ Identificação Étnica;
- ✓ Preferências Políticas;
- ✓ Participação Eleitoral,
- ✓ Acesso a Educação;
- ✓ Localização Geográficas;
- ✓ Histórico Político;
- ✓ Condições Socioeconómicas.

Capítulo 4 - ANÁLISE DE RESULTADOS

Vamos analisar neste capítulo os resultados de todas as eleições, as vitórias constantes do incumbente e perdas de mandatos.

Em Angola, (CRA, 2010) a soberania deverá ser exercida pelo povo, pois o povo angolano deverá exercer o poder político através do sufrágio universal periódico para a escolha dos seus representantes e de outras formas de participação democrática na vida nacional, com leis especiais regendo as eleições gerais. (CRA, 2010. Art 3). Esta lei especial que rege as eleições gerais, compreende duas leis básicas:

- 1- A Lei eleitoral (5/92); A Lei n.º 5 /92 de 16 de Abril, Lei Eleitoral, estabelece as regras relativas ao processo eleitoral angolano, nomeadamente, o registo eleitoral, a eleição do Presidente da República e a eleição dos Deputados à Assembleia Nacional. Lei própria regulará a eleição dos titulares dos órgãos locais do estado;
- 2- A Lei do Financiamento dos Partidos Políticos (3/97), que diz o seguinte: os partidos políticos e as coligações de partidos políticos podem beneficiar, legalmente, de outro tipo de financiamentos que se destinam, unicamente, a apoiar estes na prossecução do seu objeto social.

4.1. Comportamento Eleitoral em Angola

4.1.1. Primeiras Eleições Gerais – 1992

CICA considera a falta de unidade entre os angolanos, pois “ no caso de Angola, é necessário considerar a falta de unidade nacional como fator determinante na luta que se trava pela paz , pela justiça e pelo desenvolvimento” (Cica 1984, p. 5). E na sequência, CICA considerou de um Monstro as divisões internas entre os angolanos, pois que “Esse monstro saído dos acordos de Alvor trouxe ao Povo Angolano a tragédia jamais conhecida, pois que o nosso Povo perdeu mais gente durante as confrontações de 1975 do que perdeu na primeira guerra de libertação nacional” (Cica 1984, p.6).

Angola viveu um período de monopartidarismo durante 16 anos, com o MPLA. Em 1991, a Lei Constitucional foi alterada onde houve a abertura política em que admitia o multipartidarismo. Segundo Comerford (2005), aos 24-25 de Abril de 1990, o Secretário do Estado Português para os Assuntos Estrangeiros, José Durão Barroso, convidou o governo angolano e a UNITA afim de começar um processo de negociações que resultou nos acordos de Bicesse. Tais negociações não foram tão fáceis, porém “ Um passo significativo para a frente foi dado na quarta ronda de conversações, tidos em Setembro de 1990, quando os EUA e a União Soviética envolveram – se diretamente nas negociações” (Pycroft 1994,

p.248).

Hodges (2001), vê a importância que os três Estados (Portugal, EUA e a antiga União Soviética), também conhecidos como TROIKA tiveram para a realização dos acordos de Paz em Bicesse, Klain & Hodges (2001) apresenta seis pontos importantes saídos destes acordos: (a) Cessar fogo; (b) Aquartelamento das tropas da UNITA; (c) A formação de uma nova forças Armadas; (d) A desmobilização da tropa não requerida; (e) A restauração da administração do Estado em áreas controladas pela UNITA; (f) “E as Eleições multi-partidárias e presidenciais” (Hodges 2001, p. 13).

Gouveia, (2006) explica que nesta época, houve uma liberalização política a “acomodar o novo regime democrático emergente, bem como pela elaboração de numerosas leis ordinárias destinadas a garantir um ambiente de pluripartidarismo” (Gouveia, p. 175), preparando desta forma as condições das eleições em 1992 com a revisão Constitucional.

Da assinaturas dos acordos de Bicesse de 31 de Maio até as eleições passaram 16 meses, e durante este período considerou-se uma “mini paz”.

Gomerford (2005), explica que neste período, os partidos usaram linguagens provocadoras, ameaçadoras e não promoviam em hipóteses alguma a paz e a estabilidade social. Mas,

“Na democracia a linguagem deve estimular a paz e o bem estar de toda a sociedade: O acesso ao poder se fará através de votos e não de força ou violência. As armas devem dar lugar ao diálogo; um diálogo que demonstre sabedoria, um diálogo baseado na disputa pelo progresso sócio económico. Um diálogo que oriente o povo para o desenvolvimento e respeite a dignidade alheia e não uma linguagem que tráz retrocesso”. (Comerford, Michael . G 2005, p.14)

Assim as eleições de 29 e 30 de Setembro de 1992 tornou-se num marco histórico para a democracia do país, por ser as primeiras eleições multipartidárias, para presidente da República, bem como para a Assembleia Nacional, antecedida dos Acordos de Bicesse de 31 de Maio de 1991 cujo o objetivo era pôr fim os conflitos militares .

Os angolanos estavam ansiosos com essa data, pois a participação estava acima dos 90%, ou seja, 91,3% nas eleições parlamentares e 91,2% nas eleições presidenciais, considerando que estavam inscrito perto de 4,8 milhões de eleitores.

Quanto aos resultados eleitorais para o parlamento o MPLA obteve uma maioria absoluta com dois milhões, cento e vinte e quatro mil, cento e vinte e seis votos (2.124.126), o que corresponde a 53,74% elegendo 129 deputados na Assembleia Nacional. Em segundo lugar esteve a UNITA que obteve 34, 10%, elegendo 70 deputados. Outras forças políticas estavam abaixo dos 2,5%.

Quanto aos resultados nas eleições presidenciais, José Eduardo dos Santos venceu a primeira volta com 1,9 milhões de votos o que corresponde 49,57% e Jonas Malheiro Savimbi com 1,5 milhões de votos o que corresponde 40,07%, obrigando nesse caso a realização da segunda volta, considerando que o primeiro estava a menos de 1% dos resultados eleitorais, não veio a acontecer a segunda volta pelo fato de ter havido acusações de suspeitas de fraude.

A 17 de Outubro foi divulgado os resultados eleitorais e a UNITA não aceitou tais resultados o que desembocou numa guerra civil intensa que terminou à 2 de Fevereiro de 2002 com a morte em combate do Dr Jonas Savimbi.

Amuchástegui (1992), apresenta três fatores que estavam na base da vitória do MPLA nas eleições de 1992: (a) o fator étnico, (b) o uso privilegiado da máquina administrativa e de propaganda do estado, (c) e os erros consecutivos de Jonas Savimbi e o seu partido, que teriam se transformado em cabos elétricos do MPLA.

Segundo a Embaixada de Angola, Dados demográficos, [www. EmbAngola.at](http://www.EmbAngola.at). “acesso em 01 de Agosto de 2023”, Savimbi tinha a certeza que ganharia as eleições de 1992, em função do voto étnico, pois até 1975 os kimbundus ocupavam 20% da população angolana, os kikongos 15% da população angolana e os umbundus 40% da população angolana. Esta percentagem dava certeza a Savimbi de uma possível vitória.

Segundo Bittencourt, (2016) em relação ao voto étnico, enfatiza que, a sua influência variou de acordo a região e o partido político, por exemplo, a UNITA na província do Bié ganhou com 76,9% dos votos e o seu presidente com 83, 9%. Na mesma senda na província do Huambo, a UNITA venceu com 73,4% dos votos e o seu líder Jonas Savimbi, venceu com 81,4% dos votos. É de salientar que em ambas as províncias do Centro – Sul, onde a maior parte da população é ovimbundu. Assim, já na província de Benguela nota-se uma baixa nos votos por parte da UNITA, onde Jonas Savimbi teve 59,7% dos votos válidos, pois Benguela é uma província da mesma região e a análise entre voto e grupo étnico começa a ter outra perspectiva.

Neste sentido, estes números mostram que o voto étnico na UNITA e em Jonas Savimbi em relação a algumas províncias começa a perder força, principalmente em zonas mais urbanizadas, cuja a realidade era muito diferente das outras duas províncias.

Na mesma senda, Bittencourt (2016), diz claramente que a componente étnico baseava-se nos poucos dados estatísticos do país, segunda as quais a população ovimbundu, baseada nas províncias do centro-sul do país, alcançava cerca de 35% da população angolana, constituindo-se no maior grupo étnolinguístico do país. De acordo com esses números e com o frágil argumento quanto a uma perfeita sobreposição entre identidade étnica e voto, a UNITA teria vantagem eleitoral significativa por recrutar a maioria dos votos ovimbundus.

4.1.2. Eleições legislativa – 2008

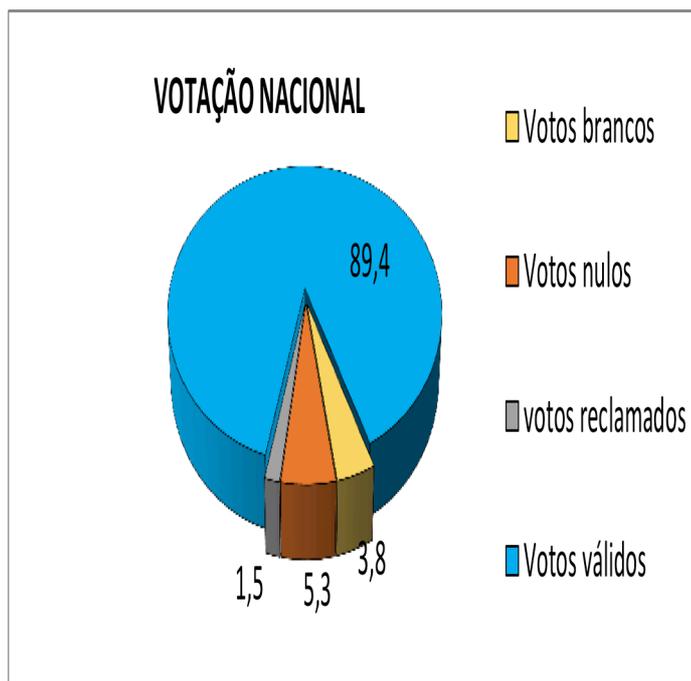
À 5 de Setembro de 2008, decorreu em Angola eleições legislativa, que aconteceu de uma forma pacífica, pois os partidos concorrentes puderam ter maior liberdade a nível nacional em relação as eleições de 1992. Nestas eleições notou-se mais uma vez a vitória do incumbente (MPLA) e houve a redução dos assentos na Assembleia Nacional por parte da UNITA. Para compreender melhor os resultados eleitorais de 2008, analisemos as seguintes figuras:

Figura nº 01

Ano Eleitoral: **2008**

Siglas Partidária	Votos Nacionais	Votos de Luanda
PRS	204 746	23 253
PLD	21 341	7 780
FpD	17 073	10 187
PDP-ANA	32 952	21 413
PPE	12 052	3 602
FNLA	71 416	28 339
PAJOCA	15 535	5 826
FOFAC	10 858	3 373
ND	77 141	11 437
MPLA	5 266 216	1 448 096
UNITA	670 363	258 474
PADEPA	17 509	6 101
PRD	14 238	5 053
AD	18 967	4 931

Figura nº 02



Fonte: CNE – Comissão Nacional Eleitoral

Figura nº 03



Fonte: CNE – Comissão Nacional Eleitoral

Participaram deste pleito cerca de 8,2 milhões de eleitores e apenas 6,1 milhões participaram nas assembleias de voto, onde o MPLA venceu com maioria absoluta com 81,6% dos votos e elegeu 191 deputados. A UNITA teve baixa nos resultados comparados com as eleições passadas, pois obteve 10,3% dos votos e elegeu 16 deputados, devido a “derrota” recente do conflito armado. O PRS obteve perto de 3,1% dos votos e conseguiu elegeu 8 deputados e era de fato notório a fragilidade de outros partidos concorrentes pois obtiveram 1% dos votos ou menos do que isso, de acordo com a figura abaixo:

As eleições de 2008 definiu a periodicidade, pois que estabeleceu-se que as eleições ocorram de 5 em 5 anos, o que permitirá (1) planificar e organizar da melhor forma possível em toda as suas fases ; (2) possibilitará com que os partidos políticos nomeiem candidatos e a realização de campanhas políticas, financiadas pelo estado (3) e incentivar a sociedade civil a participar na moralização das pessoas, por formas a tomar conhecimentos para diminuir o nível de abstenção.

Apesar da UNITA ser o maior partido da oposição, com grande número de militantes que tem vindo a disputar a hegemonia política eleitoral e ao mesmo tempo a consolidar a democracia em Angola, não conseguiu equilibrar as eleições, vendo fracassar os seus objetivos.

Segundo Angola, Livro Branco sobre as Eleições (2008), fala das razões do fracasso da UNITA nas eleições de 2008 e destacam-se:

- 1 O desmembramento de algumas figuras importantes no xadrez político da UNITA, o caso do Doutor Jorge Valentim e outros cujos seus discursos favoreceram a campanha eleitoral do MPLA, apelando a votar ao MPLA nas eleições de 2008;
- 2 A triste imagem que a população angolana (uma terça parte), sobretudo as emigradas em Luanda têm da UNITA, cuja guerra civil provocou danos psicológicos, económicos, social e infra-estruturas está até hoje vivo nas suas consciências;
- 3 Por outro lado a falta de informações plural dos angolanos acerca da alternância e democracia, o medo da alternância política e do confisco dos seus bens, levou maior parte da população a votar no MPLA;
- 4 Os longos anos de guerra impediram a realização de eleições, com a paz, reacende-se o desejo de votar, este desejo deu origem a votos por emoção e não por capacidade e juízo das propagandas eleitorais. (Angola, Livro Branco sobre as Eleições de 2008. Contributo Para a Democracia Dos Processos Eleitorais em Angola. Opcit, p. 166)

4.1.3. Segunda Eleições Gerais – 2012

Na sequência de consolidar-se a paz, a democracia e o Estado de direito em Angola, aconteceu a primeira revisão Constitucional em 1991, o que permitiu a realização de eleição multipartidárias em 1992. A segunda revisão da Constituição da República aconteceu em 27 de Janeiro de 2010 promulgada pelo presidente José Eduardo dos Santos, com algumas alterações constitucionais. Uma delas é as eleições direita do presidente da República que foram definitivamente abolidas.

A Constituição de 2010, adotou o Sistema Eleitoral de Representação Proporcional na Eleições dos deputados à Assembleia Nacional por um mandato de 5 anos (art. ° 143, nº 2). Há 19 círculos eleitorais, um nacional, onde são eleitos 130 deputados e 18 círculos eleitorais provinciais com igual representação que são 5 deputados para cada província (art.º 1 e 2, alíneas a e b).

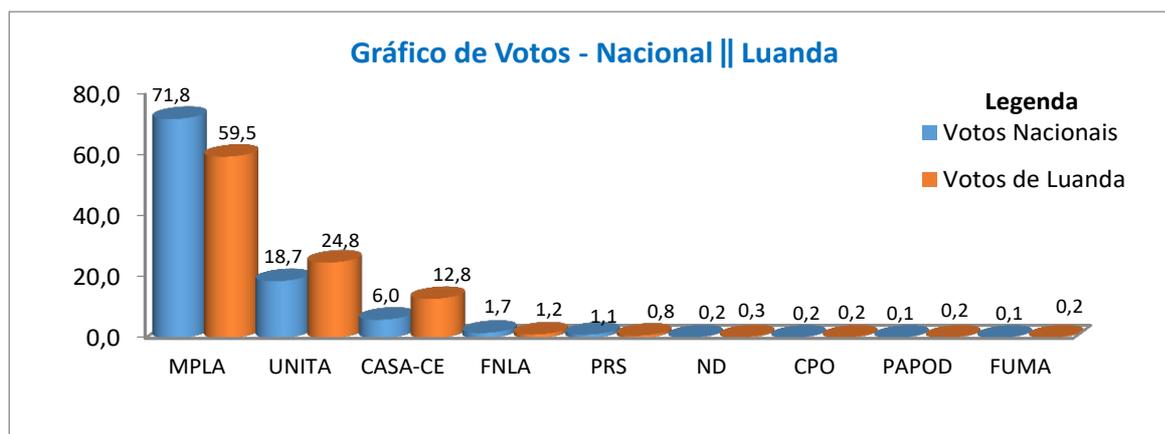
No art. 106º da CRA diz que “ O Presidente da República e os Deputados à Assembleia Nacional, são eleitos por sufrágio universal, direto, secreto e periódico, nos termos da Constituição e da Lei” Na mesma senda Gouveia (2012), diz claramente que as eleições legislativas de 2012, descritas como as primeiras eleições gerais no país receberam esta designação porque, embora se tenha tratado de eleições legislativas, definiram de forma concreta, quem iria ser o Presidente da República, ou seja, o cabeça de lista do partido mais votado nas eleições seria o Presidente da República e conseqüentemente formaria o governo. Por outro lado, outra alteração feita é o limite do mandato, ou seja, o presidente da República

passará a não poder exercer mais de dois mandatos. Para compreender melhor os resultados eleitorais de 2012, analisemos as seguintes figuras:

Figura nº 04

Ano Eleitoral		2012	
Siglas Partidária	Votos Nacionais	Votos de Luanda	
MPLA	4 135 503	940 785	
UNITA	1 074 565	391 882	
CASA-CE	345 589	203 212	
FNLA	98 233	18 766	
PRS	65 163	12 572	
ND	13 337	4 800	
CPO	8 710	3 645	
PAPOD	8 260	3 159	
FUMA	6 644	3 122	
Total	5 756 004	1 581 943	

Figura nº 05



Fonte: CNE – Comissão Nacional Eleitoral

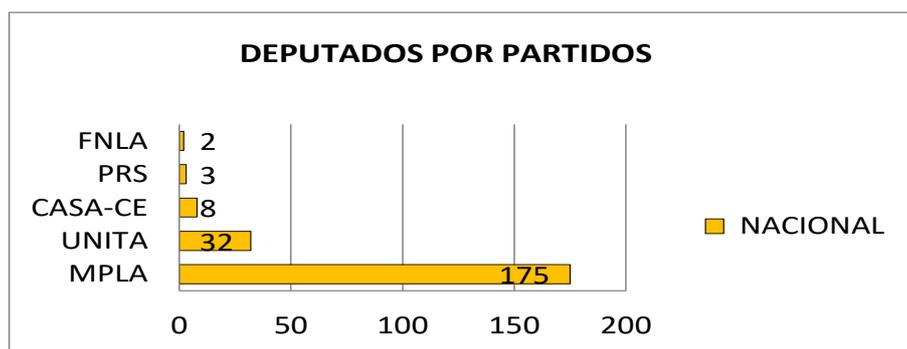
De acordo com as figuras acima, participaram deste pleito eleitoral 9 partidos políticos, nomeadamente, a União Nacional para a Independencia Total de Angola (UNITA), Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), Partido de Renovação Social (PRS), Nova Democracia – União Eleitoral (ND), Frente Unida para a Mudança de Angola (FUMA), Conselho Consultivo da Oposição (CPO), Partido Popular para o Desenvolvimento (PAPOD) e Convergência Ampla de Salvação de Angola (CASA-CE).

Nas eleições de 31 de Agosto de 2012, o MPLA foi o partido político mais votado, com 71,84% dos votos e elegeu 175 Deputados na Assembleia Nacional. A seguir a UNITA, com 18,66% e conseguiu elegeu 32 deputados à Assembleia Nacional.

A CASA-CE estreitou-se pela primeira vez com o Cabeça de lista o Dr Abel Chivukuvuku e ocupou a terceira posição com 6% e conseguiu eleger 8 Deputados à Assembleia Nacional.

Figura nº 06

DEPUTADOS POR PARTIDO	NACIONAL	PERCENTUAL
MPLA	175	79,5
UNITA	32	14,5
CASA-CE	8	3,6
PRS	3	1,4
FNLA	2	0,9



Fonte: CNE – Comissão Nacional Eleitoral

4.1.4- Terceira Eleições Gerais – 2017

Domingos (2018), considera que a decisão do Presidente José Eduardos dos Santos que anunciou o término do seu reinado após 38 anos, em Dezembro de 2016, foi bom para o país, porém o Presidente decidiu permanecer no comando do MPLA. Apresentou como sucessor João Lourenço, que foi aplaudido pelos Militantes do Partido. *“Esta decisão de dos Santos destacou as diferentes ideias dentro do MPLA sobre a sucessão presidencial”* (Domingos, 2018, p. 2).

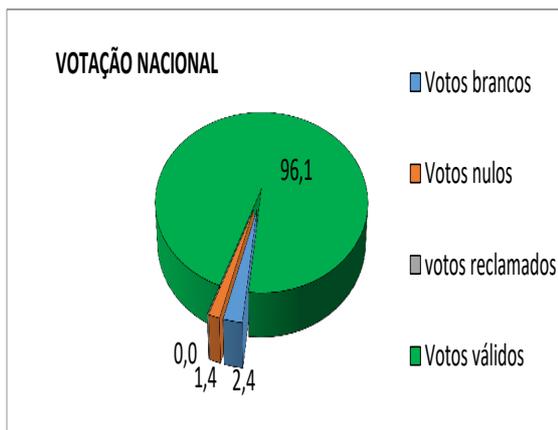
O segundo escrutínio que foi regido pela a Constituição de 2010 foram as eleições gerais de 2017 e também regido pela Lei Eleitoral modificada de 2011. De acordo com o quadro jurídico angolano a CRA regulamenta os direitos e liberdades fundamentais essenciais para que os cidadãos possam participar no processo eleitoral de uma forma democrática.

De acordo com o Art. 81 da Lei orgânica sobre as Eleições prevê que as campanhas eleitorais devem ser patrocinada com fundos públicos e devem ser distribuídos de uma forma equitativa em função da lista de candidatos.

Figura nº 07

Ano Eleitoral 2017		
Siglas Partidária	Votos Nacionais	Votos de Luanda
MPLA	4 164 157	1 033 852
UNITA	1 818 903	759 858
CASA-CE	643 961	313 378
FNLA	92 222	16 389
PRS	63 658	12 886
APN	34 971	8 241
Total	6 817 872	2 144 604

Figura nº 08



Fonte: CNE – Comissão Nacional Eleitoral

Figura nº 09



Fonte: CNE – Comissão Nacional Eleitoral

Segundo as figuras acima, participaram desta eleição 5 partidos e uma coligação de partidos e mais uma vez o partido incumbente (MPLA) venceu as eleições com 61,05% dos votos e elegeu 150 deputados; em segundo lugar esteve a UNITA com 26,72% dos votos e elegeu 51 deputados, em terceiro lugar esteve a CASA-CE com 9,49% e elegeu 16 deputados. No total, sete milhões, noventa e três mil e dois (7.093.002) eleitores exerceram o seu direito cívico. Seis milhões, oitocentos e dezassete mil, oitocentos e setenta e sete (6.817.877) votos foram considerados válidos, o que corresponde 96,13% dos votos.

4.1.5. Quarta Eleições Gerais – 2022

Antes das eleições gerais o povo angolano envolveu-se a todos os níveis para participar das mesmas e contribuir positivamente para o seu desfecho. O líder da oposição era tido como o mais popular. Este envolvimento começou em 2020, o povo angolano mobilizou-se para as eleições, pois além da vontade de participar do voto, tinham também a ansiedade de votar para a alternância política.

Com estas dificuldades, houve no país muitas manifestações, os estudantes passaram a reivindicar mais, pois o ensino público deixou de ser gratuito, e para diminuir as manifestações, o governo passou a usar violência, como uma das formas de conter as manifestações, tudo isso resultou em mortes, prisões e condenações de muitos angolanos. Diante deste ambiente hostil a sociedade civil passou a usar um slogan: Em 2022 vão gostar, Era uma frase forte como que espécie de um recado a quem governa, ou mesmo, era um indicador de que muitos não iriam votar no incumbente.

Um das ações que marcou o antes das eleições, foi combater as lideranças da oposição:

- 1- A não aprovação dos projetos políticos PRA-JA Servir Angola de Abel Epalanga Chivukuvuku, Partido dos CRENTES de Brigadeiro 10 Pacote, o PLUS – Partido de Libertação e Unidade Social de Angola;
- 2- A não validação da presidência de Adalberto Costa Junior que tinha sido eleito em Novembro de 2019, a presidente da UNITA. O Partido UNITA voltou a realizar eleições reconduzindo Adalberto. Com esta recondução, passou a ser censurado na imprensa pública, principalmente na TVZIMBO no programa Revista Zimbo, como forma de desqualificá-lo, porém tal ação aumentava mais a popularidade de Adalberto Costa Junior. Notava – se claramente a vontade dos cidadãos em vê – lo presidente da República.

Os partidos estavam preparados para começar a luta. Treze (13) formações participaram das eleições: MPLA, UNITA, CASA – CE, PRS, FNLA, Bloco Democrático, APN, P – NDJANGO e Partido Humanista de Angola (PHA), estes dois últimos cuja legalização foi três meses antes das eleições.

Apesar de haver muitos partidos a concorrer, a disputa recaiu para os partidos hegemónicos: MPLA e UNITA. Duas sondagens importantes surgiram. A primeira dava conta da vitória do MPLA e a segunda dava conta da vitória da UNITA, fato que fez com que o governo proibisse sondagens.

As eleições de 2022 foram as mais renhidas de toda história política angolana. Pela primeira vez os angolanos residente no exterior puderam votar e com uma expectativa de mudança.

4.1.5.1. FPU - Frente Patriótica Unida

No dia 05 de Outubro de 2021, A UNITA, Bloco Democrático e PRA-JA servir Angola assinaram documentos que formalizam a criação de Uma Frente Patriótica Unida (FPU), uma iniciativa de políticos pro-alternância para formatar plataforma eleitoral, para concorrer nas eleições de 2022. Da parte do Bloco estava o seu presidente Filomeno Viera Lopes, do PRA-JA Servir Angola estava Abel Epalanga Chivukuvuku e da UNITA o seu presidente Adalberto Costa Júnior.

Bye, Pacatolo, Inglês & Domingos (2022), entendem que “As eleições de 2022 foram vistas como um teste de força vital entre o partido em exercício (MPLA) e a oposição. Esta última, aparentemente, mais forte e mais unida do que antes, através da inclusão pelo principal partido da oposição (UNITA) de uma frente mais alargada: a Frente Patriótica Unida (FPU)”. (Vegard Bye, Carlos Pacatolo, Paulo Inglês & Nelson Domingos, 2022, p. 6)

Segundo Bye, Pacatolo, Inglês & Domingos (2022), explicam que dez meses antes das eleições de 2022, a UNITA conseguiu organizar uma Frente de oposição mais ampla, considerada como uma plataforma político eleitoral “ ad hoc “, que talvez seja uma geringonça que sem constituir um novo ente jurídico, permitisse conjugar vontades, congregar esforços materiais e financeiro, agregar inteligência e juntar sinergias num vetor comum que de certa forma iria congrega todos os cidadãos nacionais individuais e coletivo, por formas a fazer com que haja alternância do poder político em Angola. Os partidos políticos, organizações e cidadãos coletivo e individuais, ao concorrerem as eleições, sua identidade foi mantida. A plataforma foi liderada pela UNITA, representada pelo seu Presidente Adalberto Costa Júnior, tendo como adjuntos Abel Epalanga Chivukuvuku do Projecto Político (PRA-JA) e Filomeno Viera Lopes do Bloco Democrático, respetivamente.

Portanto a Frente Patriótica Unida (FPU), é de fato uma plataforma eleitoral juridicamente intangível, porém concretizada na candidatura da UNITA, por formas a se materializar uma proposta de Governo Inclusivo e Participativo e tendo um acordo parlamentar previamente firmado. Em entrevista, Dr. Olívio Kilumbu enfatiza o seguinte sobre a FPU:

“ O que aconteceu em Angola, nunca tinha acontecido antes e é uma demonstração inequívoca do grau de preparação política e cívica destas lideranças, pois demonstrou uma vontade de todos os angolanos bem como de uma grande parte do MPLA em fazer mudança” (Kilumbo, Olívio, entrevista, Janeiro 3, 2023).

Na tabela/gráfico abaixo, o que mais chama atenção é o número de eleitores que não exerceram o seu direito de voto (55,18%). Essa abstenção deve-se ao fato de que os eleitores perderam confiança da CNE, ou seja, para muitos angolanos a maneira como se preparou as eleições, a deslocação de eleitores, bem como a inserção de mortos na base de dados da CNE descredibilizou o processo, suicitou muitas dúvidas, ao ponto de muitos eleitores ficarem em casa no dia do voto.

Tabela/gráfico nº 01

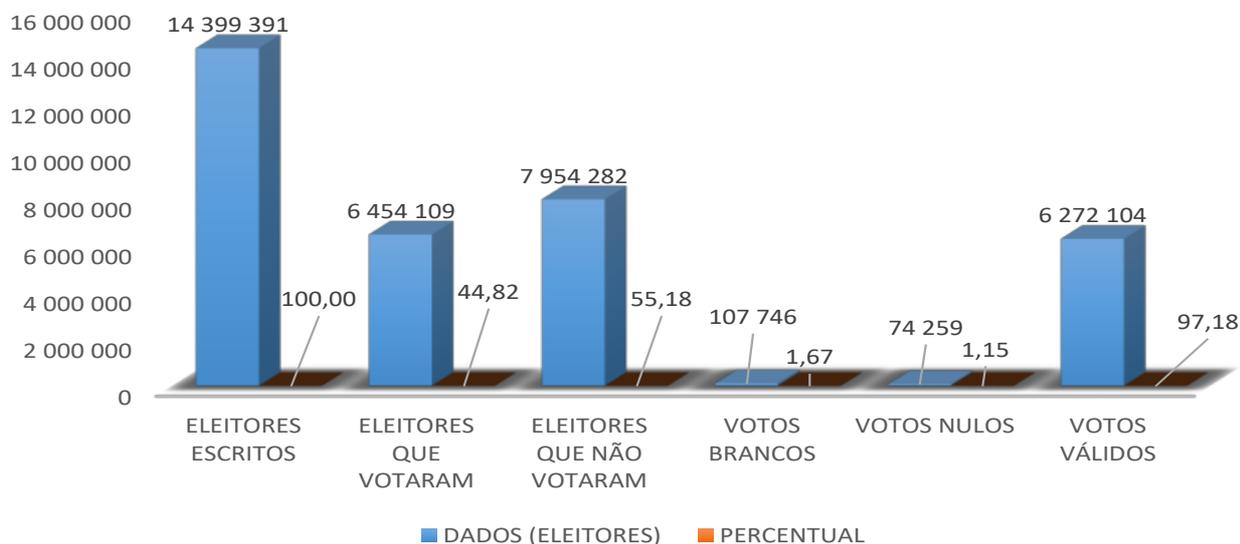
DESCRIÇÃO	DADOS (ELEITORES)	PERCENTUAL
ELEITORES ESCRITOS	14 399 391	100,00
ELEITORES QUE VOTARAM	6 454 109	44,82
ELEITORES QUE NÃO VOTARAM	7 954 282	55,18
VOTOS BRANCOS	107 746	1,67
VOTOS NULOS	74 259	1,15
VOTOS VÁLIDOS	6 272 104	97,18

Diferencial de ajuste

14 408 391	9000,00
-------------------	----------------



DEMONSTRAÇÃO GRÁFICA



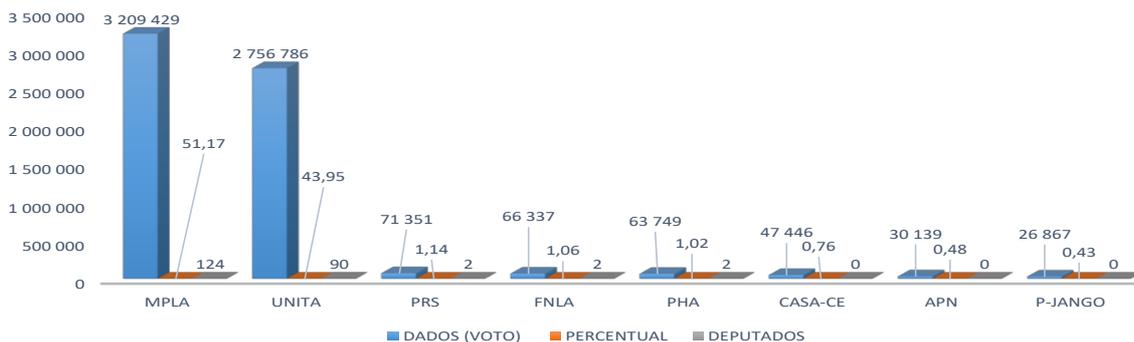
Fonte: CNE – Comissão Nacional Eleitoral

Tabela/gráfico nº 02

SIGLAS	DADOS (VOTO)	PERCENTUAL	DEPUTADOS
MPLA	3 209 429	51,17	124
UNITA	2 756 786	43,95	90
PRS	71 351	1,14	2
FNLA	66 337	1,06	2
PHA	63 749	1,02	2
CASA-CE	47 446	0,76	0
APN	30 139	0,48	0
P-JANGO	26 867	0,43	0



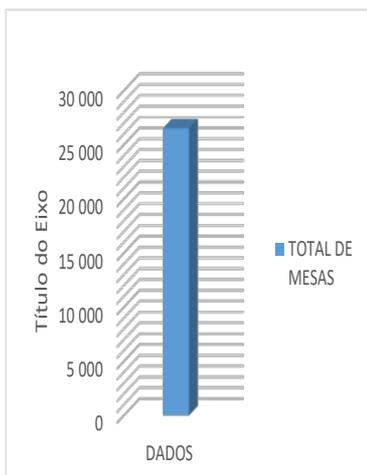
DEMONSTRAÇÃO GRÁFICA



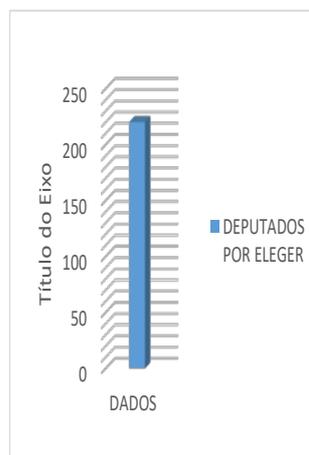
Fonte: CNE – Comissão Nacional Eleitoral

Tabela/gráfico nº 03

DESCRIÇÃO	DADOS
TOTAL DE MESAS	26 488



DESCRIÇÃO	DADOS
DEPUTADOS POR ELEGER	220



Fonte: CNE – Comissão Nacional Eleitoral

A tabela/gráfico acima, mostra os resultados das eleições, e que o incumbente, mais uma vez venceu as eleições de 24 de Agosto, com 51,17 % dos votos, contra os 43,95 % da

UNITA. Apesar da vitória, o MPLA perde mandatos se compararmos com o pleito anterior. No pleito anterior Elegeu 124 deputados e perde 26 deputados. A UNITA apesar da sua perda, teve ganhos significativos. Conseguiu eleger noventa (90) deputados e teve um incrementos de 39 (trinta e nove) deputados, quando comparados com o pleito de 2017.

O terceiro partido mais votado é o PRS com Setenta e um mil, trezentos e cinquenta e um (71.351) votos elegendo dois (2) deputados. A FNLA e o PHA , elegeram 2 (dois) deputados, respetivamente. A CASA-CE, APN e P-JNANGO não conseguiram eleger deputado.

4.2- Comportamento Eleitoral na Província de Luanda

Na mesma sequência, em Luanda, o MPLA tem vindo a perder espaço e a UNITA tem vindo a ganhar espaço desde as eleições de 2012 até 2022. Apesar da dinâmica de ação exercida pela UNITA na província de Luanda, o MPLA obteve vitória em oito municípios de Luanda, com excepção ao município de Cacucaco. Nas eleições legislativas de 1992 na província de Luanda o MPLA obteve um total de 531.294 de votos, a UNITA por sua vez obteve um total de 140.959. (NETO, António Pedro, 2008, p.146).

De acordo com a figura acima, nº 1 e 2, percebemos que em Luanda, participaram do pleito eleitoral de 2008, cerca de 2.392.490 eleitores, 2.540 assembleias e 12499 mesas, o partido MPLA ganhou com maioria absoluta, com 1.448.096 votos válidos, correspondente a 79% e elegeu 5 deputados para o círculo provincial, ao passo que a UNITA, perdeu com 258.474 votos válidos correspondente a 14,6% e não elegeu deputados. (NETO, António Pedro. Opcit , 2008, p160).

Durante as eleições de 2008 o MPLA exerceu uma forte dinâmica de ação, cria-se e implementa-se os C.A.P (Comité de Acção do Partido) em todos bairros, associadas as organizações de base do MPLA como; a JMPLA e a OMA que tiveram como missão mobilizar os militantes, os simpatizantes e amigos do partido e um grande número de eleitores (Ibidem,p121).

Por outro lado os comités de ação do MPLA, os núcleos da JMPLA e as seções da OMA, deram início a uma campanha de identificação dos grupos familiares, profissionais, comunitários religiosos e outros afetos ao MPLA, conquistam-os e colocam-os na liderança locais ao serviço dos objetivos eleitoriais do MPLA (Ibidem, p121).

De acordo com a figura 1 e 2, em 2008 parece-me que a dinâmica de ação exercida pelo MPLA (baseda na criação dos gabinetes acima referenciados) durante as eleições legislativas permitiu derrotar a UNITA na província de Luanda.

Nas eleições de 2012 o quadro começa a mudar, tanto para o MPLA quanto para a UNITA, participaram deste pleito eleitoral em Luanda, cerca de 1.666.873 eleitores.

Mais uma vez o incumbente vence as eleições em Luanda, porém perde deputados, ou seja, o MPLA teve 940.785 votos e elege 4 deputados do círculo provincial em 5, ao passo que a UNITA perdeu com 391.882 dos votos, porém ganhou 1 deputado, em relação as eleições passadas o números de eleitores para a UNITA aumentou 133.408, e para o MPLA o número diminuiu para 218.777 eleitores, conforme a figura 6 e 7.

De acordo com as figuras 8 e 10, o MPLA registou algumas mudanças em 2017, vencendo mais uma vez em Luanda com maioria relativa, elegendo 3 deputados para o círculo provincial perdendo 2, pois obteve 1.033852 votos, uma diferença de 93.070 votos em relação a 2012 e 424.244 em relação a 2008, porém a UNITA perdeu as eleições em Luanda, más ganhou 2 deputados em relação ao pleito eleitoral anterior, tendo obtido 759.858 votos, um aumento considerável em relação a 2012, pois a diferença era de 367.976 e 501384 em 2008. Estes dados mostram que a UNITA tem vindo a ganhar espaço em Luanda e o MPLA a perder espaço.

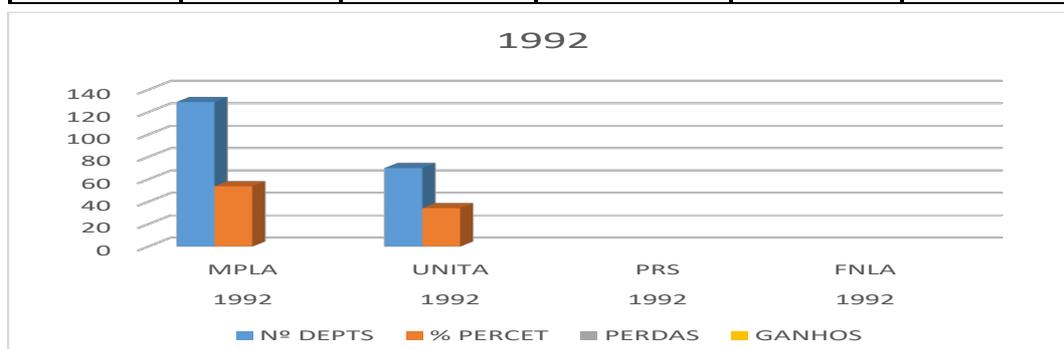
4.3- Representação Gráfica das Cinco Eleições 1992 – 2022

Ao analisarmos as eleições percebe-se que o MPLA tem vencido todas as eleições em Angola com a maioria absoluta e relativa. Porém vemos também perda de mandatos desde 2008 até 2022

Tomamos como marco as eleições de 1992 para termos alguma ideia das perdas e ganhos de deputados em relação as eleições posteriores.

Tabela/gráfico nº 04

ANO	PARTIDO	Nº DEPTS	% PERCET	PERDAS	GANHOS
1992	MPLA	129	53,74		
1992	UNITA	70	34,20		
1992	PRS				
1992	FNLA				

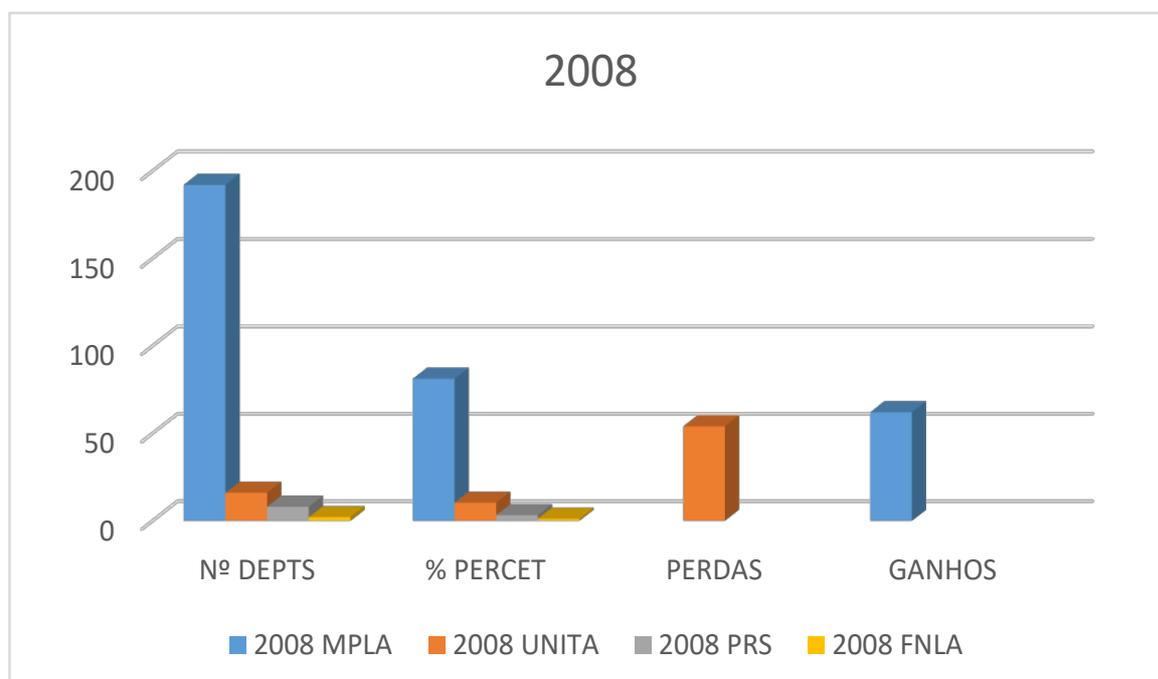


Fonte: CNE – Comissão Nacional Eleitoral

Nas eleições de 2008, os partidos como UNITA, PRS e FNLA, tiveram perdas significativas. A UNITA perdeu 54 deputados devido aos motivos mencionados acima no ponto 4.2.2 da nossa dissertação, enquanto que o MPLA, ganhou 62 deputados, comparando com as eleições anteriores. Nestas eleições a etnicidade não teve expressão significativas.

Tabela/gráfico nº 05

ANO	PARTIDO	Nº DEPTS	% PERCET	PERDAS	GANHOS
2008	MPLA	192	81,16		62
2008	UNITA	16	10,30	54	
2008	PRS	8	3,17		
2008	FNLA	2	1,11		



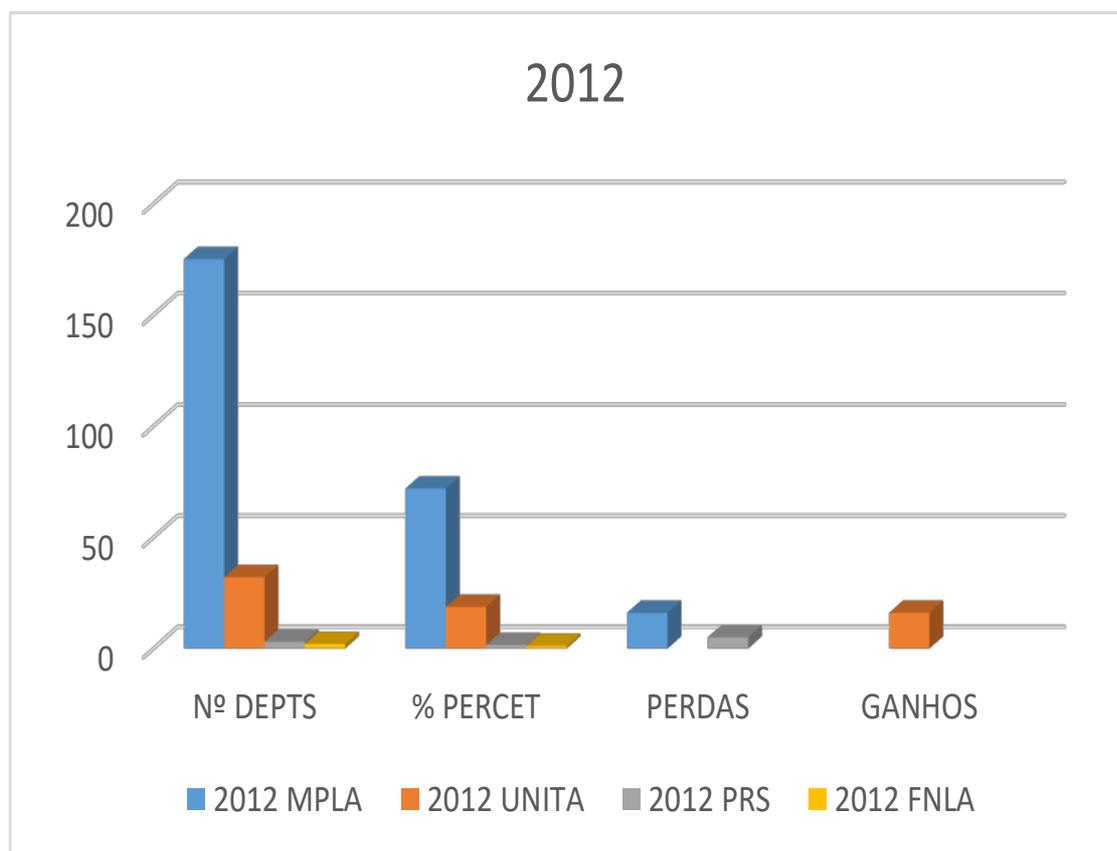
Fonte: CNE – Comissão Nacional Eleitoral

Nas eleições de 2012, o quadro começa a inverter, pois apesar da vitória do MPLA, o MPLA perde mandatos, ao compararmos com as eleições de 2008.

A tabela/gráficos mostra que a UNITA ganhou 16 deputado e o MPLA perdeu 16, o PRS perdeu 5 deputados.

Tabela/gráfico nº 06

ANO	PARTIDO	Nº DEPTS	% PERCET	PERDAS	GANHOS
2012	MPLA	175	71,84	16	
2012	UNITA	32	18,66		16
2012	PRS	3	1,50	5	
2012	FNLA	2	1,10		

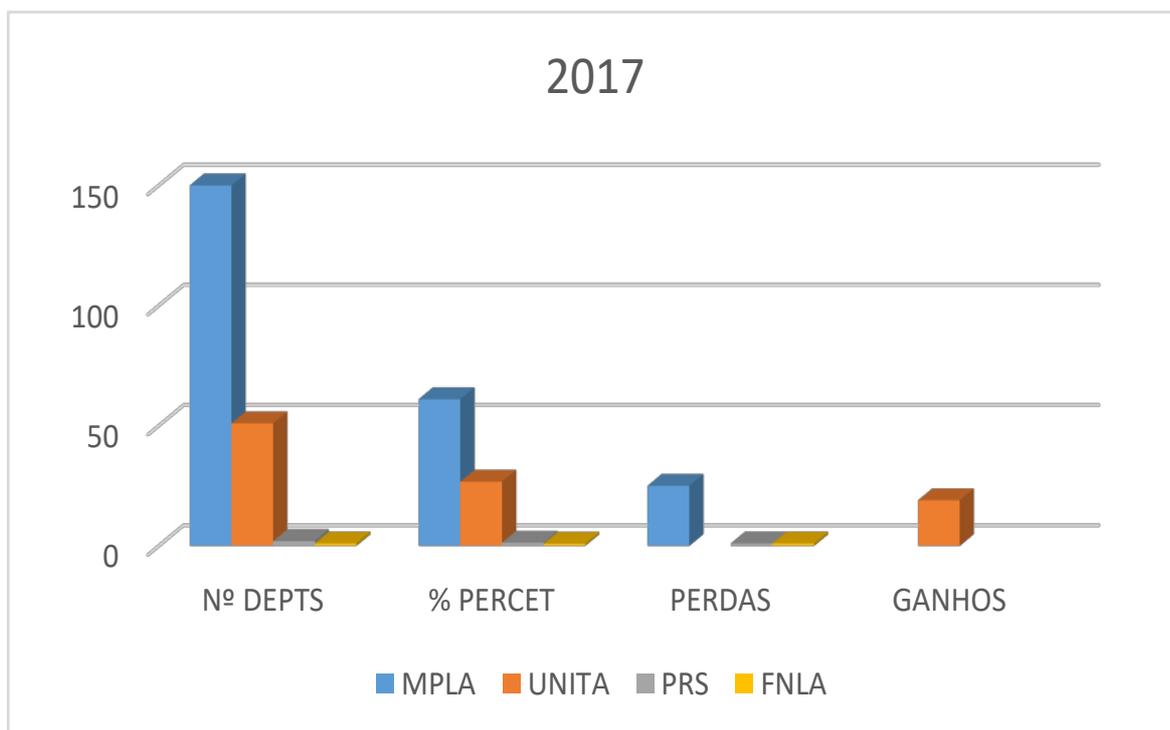


Fonte: CNE – Comissão Nacional Eleitoral

Olhando nos resultados eleitorais de 2017 a tabela/gráfico abaixo indica que a influencia do incumbente tende a diminuir, pois perde 9 deputados em relação a 2012 e 25 deputados em relação a 2008. Enquanto que a UNITA ganhou 3 em relação a 2012 e 19 em relação a 2008. PRS e FNLA perderam 1 deputado em relação ao pleito anterior.

Tabela/gráfico nº 07

ANO	PARTIDO	Nº DEPTS	% PERCET	PERDAS	GANHOS
2017	MPLA	150	61,05	25	
2017	UNITA	51	26,72		19
2017	PRS	2	1,33	1	
2017	FNLA	1	0,90	1	



Fonte: CNE – Comissão Nacional Eleitoral

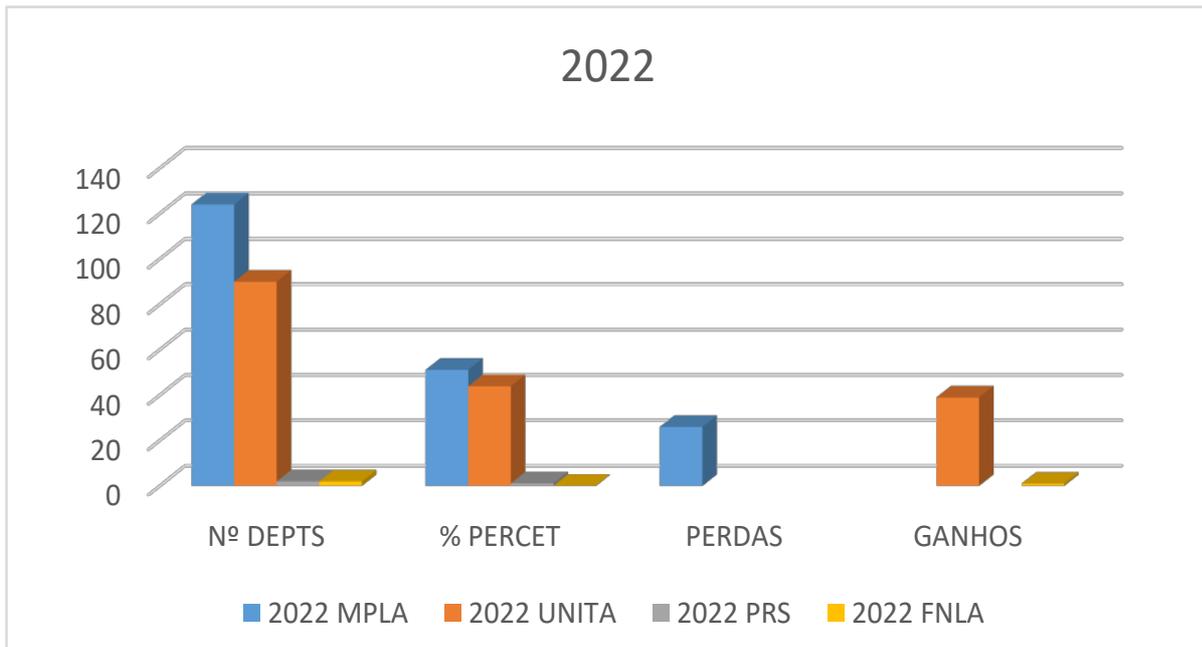
De acordo com a tabela/gráfico abaixo, mostra-nos que estas foram as eleições mais renhidas de sempre onde vemos o incumbente a perder mais uma vez mandatos, apesar da sua vitória. O MPLA perdeu 26 em relação a 2017, 51 em relação a 2012 e 68 em relação a 2008.

A UNITA tem vindo a ganhar deputados nas últimas três eleições. Ganhou 39 deputados em relação a 2017, 58 deputados em relação a 2012 e 74 deputados em relação a 2008. É de salientar que este ganho de deputado em 2022, deveu-se ao fenómeno FPU.

Já a FNLA, ganhou 1 deputado.

Tabela/gráfico nº 08

ANO	PARTIDO	Nº DEPTS	% PERCET	PERDAS	GANHOS
2022	MPLA	124	51,17	26	
2022	UNITA	90	43,95		39
2022	PRS	2	1,14		
2022	FNLA	2	0,06		1



Fonte CNE – Comissão Nacional Eleitoral

Capítulo 5 – CONCLUSÕES

Portanto, os resultados deste estudo confirmam de maneira robusta a influência da etnicidade no comportamento eleitoral em Angola. A análise revelou padrões distintos que indicam uma clara correlação entre a pertença étnica dos eleitores e suas escolhas nas urnas. Esta descoberta destaca a necessidade de políticas e estratégias que reconheçam e considerem a diversidade étnica ao moldar iniciativas democráticas no país.

Embora a etnicidade tenha sido identificada como um fator influente no comportamento eleitoral, este estudo revelou que sua influência é medida por variáveis como preferências políticas e condições socioeconômicas. Isso sugere que políticas públicas focadas em educação política e igualdade socioeconômica podem desempenhar um papel crucial na mitigação dos efeitos diretos da etnicidade nas decisões eleitorais.

De acordo com a constituição dos partidos e a legislação, apenas o PRS é um partido étnico, sendo os restantes partidos multi-étnicos.

A UNITA é o principal partido de oposição e afirmou-se como majoritário no círculo eleitoral de Luanda nas eleições de 2022, elegendo 3 em 5 deputados.

Os entrevistados concordam que a etnia é um fator determinante e importante de apoio aos partidos políticos em Angola, porém o seu impacto não é igual para todas as províncias, muito menos em todas as eleições. A importância da etnia varia de província para província e de eleição para eleição, mas continuará a desempenhar um papel fundamental no jogo político angolano.

Os resultados desta pesquisa destacam ainda que, embora a etnicidade seja um fator relevante, a variabilidade no comportamento eleitoral existe dentro dos próprios grupos étnicos. Essa variação indica que outros elementos como educação, localização geográfica e experiências individuais, desempenham um papel significativo na formação das escolhas dos eleitores. Assim as abordagens políticas mais refinadas devem levar em consideração essas mudanças intraétnica.

Referência Bibliográficas

- Amuchástegui, Domingo. Angola: Quién ganará? Revista de Africa y Medio Oriente, vol.9, n.º 1, 1992, p.1-12.
- Andrews, J. T & Inman, k. Department of Political Science Department of Political Science C Davis UC Davis Davis, CA 95616 Davis, CA 95616.
- Angola, Livro Branco sobre as Eleições de 2008- Contributos Para a Democratização Dos Processos Eleitorais em Angola , publicado pelo Instituto de Desenvolvimento e Democracia, p206.
- Angola, Livro Branco sobre as Eleições de 2008- Contributos Para a Democratização Dos Processos Eleitorais em Angola.Opcit , p166.
- Basedau, M. & Stroh, A. 2012. "How Ethnic Are African Parties, Really? Evidence from Four Francophone Countries." International Political Science Review 33 (1): 5–24.
- Basedau, M., Erdmann, G., Lay, J., and Stroh, A. 2011. "Ethnicity and Party Preference in Sub-Saharan Africa." Democratization 18 (2): 462-489.
- Beard, C., & Wilson, J. P. (2006). Experiential learning: A best practice handbook for educators and trainers. London: Kogan Page. Doi :10. 1080/13504620500526529.
- Berman, B.M., et al. (2004) Effectiveness of Acupuncture as Adjunctive Therapy in Osteoarthritis of the Knee: A Randomized, Controlled Trial. Annals of Internal Medicine, 141, 901-910. <http://dx.doi.org/10.7326/0003-4819-141-12-200412210-00006>
- Bittencourt, M. revista TEL, Irati, V. 7, n.2, p. 170 – 192, j1./dez. 2016 – ISSN 2177 – 6644.
- Bogaards, M. Reexamining African Elections, Journal of Democracy, Volume 24, Number 4, October 2013, pp. 151-160 (Article) Published by Johns Hopkins University Press. DOI: <https://doi.org/10.1353/jod.2013.0069>
- Carlson, E. Abstract Comparative Political Studies 2018, Vol. 51 (12) 1531-1562 © The Author (s) 2018 guidelines of reuse article: sagepub.com/journals-permissions DOI: 10.1177 / 0010414018758753 journals.sagepub.com/home/cps <https://doi.org/10.1177/0010414018758753>.
- Ceast, (1998), A igreja em Aangola, entre a Guerra e a Paz, documentos episcopais 1974 – 1998.
- Cica, (1984) Memorando das igrejas sobre Paz, justiça e Desenvolvimento na R.P.A., fotocópia.
- Comerford, M, G. O Rosto Pacífico de Angola- Bibliografia de Um Processo de Paz(1992-2002), 1ª Ed,2005, p16.
- Comissão Municipal Eleitoral – CME.
- Comissão Nacional Eleitoral – CNE.

- Dalton, R. J. (2013). *Citizen Politics: Public Opinion and Political Parties in Advanced Industrial Democracies*. Washington DC: Cq Press.
- Diário da República Portuguesa, Número:171/74 Série I, de 24 de Julho de 1974).
- Domingos Amuchástegui (1992).
- Downs, A. *Journal of Political Economy*, Vol. 65, No. 2 (Apr., 1957), pp. 135-150 Published by: The University of Chicago Press <https://www.jstor.org/stable/1827369>. Page Count: 16.
- Erdmann, G. 2007. "The Cleavage Model, Ethnicity and Voter Alignment in Africa: Conceptual and Methodological Problems Revisited." GIGA Working Papers no. 63. http://www.giga-hamburg.de/dl/download.php?d=/content/publikationen/pdf/wp63_erdmann_abstract.pdf.
- Gouveia, B. *Direito Constitucional Angolano*, P. 175
- Heywood, J.B. (1989) *Internal Combustion Engine Fundamentals*. McGraw-Hill International Edition, Singapore.
- Hodges T, (2001), *Angolan from Afro Stalinism to Petro Diamond Capitalism*, the international African Institute, Norway em associação com James Curry, Oxford, e Indiana University Press, Indiana.
- Hoffman, Barack D., and James D. Long "Parties, Ethnicity and Voting in African Elections", *Comparative Politics*, vol. 45, no 2, 2013, pp 127-46.
<http://jurisprudencia.tribunalconstitucional.ao/>.
<http://www.nee.ueg.br/seer/index.Php/economia>. Jul./ dez. 2011.
- Huntington, S.P. *Foreign Affairs* [Vol. 72, No. 3 \(Summer, 1993\)](#), pp. 22-49 (28 pages) Published By: Council on Foreign Relations.
- Ishiyama, John. 2012. "Explaining Ethnic Bloc Voting in Africa." *Democratization* 19 (4): 761–88.
- Josephine T. Andrews Kris Inman Department of Political Science Department of Political Science UC Davis UC Davis Davis, CA 95616 Davis, CA 95616.
- Kilumbo, Olivio. Resultado das eleições de 2022. (entrevista concedida à Albino Wassuca). Luanda, 03 de Janeiro de 2023.
- Klein, K. and Hodges, S. (2001) *Gender Differences, Motivation and Empathic Accuracy: When It Pays to Understand*. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27, 720-730. <http://dx.doi.org/10.1177/0146167201276007>
- Kramon, E Universidade George Washington, EUA Partido Político 1-13ª O (s) autor (es) 2017 Reproduções e permissões: sagepub.co.uk/journalsPermissions.nav DOI:10.1177 / 13540688177728212 [journals.sagepub.com/ home/ ppq](http://journals.sagepub.com/home/ppq).

- Krapivine, V. Que é o Materialismo Dialético. Ed. Progresso, Moscovo, 1986, p.302.
- Lindberg, S. I. & Morrison, M. K.C. (2008) Are African Voters Really Ethnic or Clientelistic? Survey Evidence from Ghana, Political Science.
- Lipset, S. M., & Rokkan, S. (1967). Cleavage Structures, Party Systems and Voter Alignments: An Introduction. In S. M. Lipset & S. Rokkan (Eds.), Party Systems and Voter Alignments: Cross-National Perspectives. New York: Free Press.
- Long, James D., and Clark C. Gibson. "Evaluating the Roles of ethnicity and Performance in African: Evidence from an Exit Poll in Kenya" Political Research Quarterly, vol. 68, no 4, 2015, pp 830 – 42.
- Martins, Vasco (2015) Ovimbundu Identity Attributions in Post – War Angola, Journal of Southern African Studies, 41:4, 853-867.
- Matroquela, C. F. "Mufingwa". Op.cit, p 62.
- Michael, M. G. (2005) O rosto pacífico de Angola. Biografia de um processo de paz de 1991 – 2002.
- Miranda, A. B. « A hegemonia da UNITA no Planalto Central A luz da Sociologia da Acção», In Comunicação apresentada no IIIº encontro internacional de História de África, ano , Luanda, p.4 e 9
- Neto, A. P. MPLA e As Eleições Legislativas de 2008. As Nossas Razões Para a Vitória. Ed Nzila, 1ª Ed, Luanda , 2008, p.146, 160.
- Pycroft C, (1994), Angola – The Forgotten Tragedy in journal of Souther African studies vol. 20, 2 p.248.
- The New York Times, 24 de Novembro de 1974.
- Trindade, A. J. P. O Fenómeno Urbano na África Subsahariana. O Caso de Luanda. Ed. ISCSP, Lisboa, 200, p.409.

Anexo A - Discussão Dos Resultados

Este estudo é constituído de cidadãos da província de Luanda, abrangendo uma população de 2000 cidadãos. Neste sentido a nossa amostra representativa é de 1000 cidadãos, para que possibilite o manuseio e domínio da referida amostra.

Estimado estudante, este inquérito tem como objetivo recolher informações para realização de um trabalho de Mestrado, no domínio das Ciências Sociais na área da Ciência Política, sob o tema: Etnicidade e o Voto em Angola, a efetuar no Instituto Politécnico Intercontinental de Luanda (ISPIL).

A população alvo deste inquérito são estudantes que frequentam o curso de Direito e Relações Internacionais e as questões estão diretamente relacionadas com o que acontece no país em termos de comportamento eleitorais ligados a etnicidade e o voto.

É de salientar que os dados fornecidos, são absolutamente confidenciais e anónimo e serão exclusivamente utilizados para fins de investigação científica, peço-lhe que seja o mais rigoroso possível no seu preenchimento. Depois do estudo concluído ser-lhe-á enviado em exemplar caso o solicite.

Agradece-se desde já o seu contributo!

Nome (Se for possível) _____ Morada
_____, Município _____
Ocupação: _____, tempo de trabalho: _____, idade
_____ anos, Sexo _____ Escolaridade? Tec. Superior
_____, Ano Académico _____, Curso

Partido
Político _____

Anexo B – Perguntas (Feitas aos inquiridos), Tabelas e Gráficos

Os inquiridos foram submetidos a um questionário de seis perguntas fechadas, isto é, dando possibilidade de responder sim ou não e uma pergunta aberta onde cada inquirido tinha liberdade de opinar.

Os resultados obtidos após depoimentos se revelam desta forma:

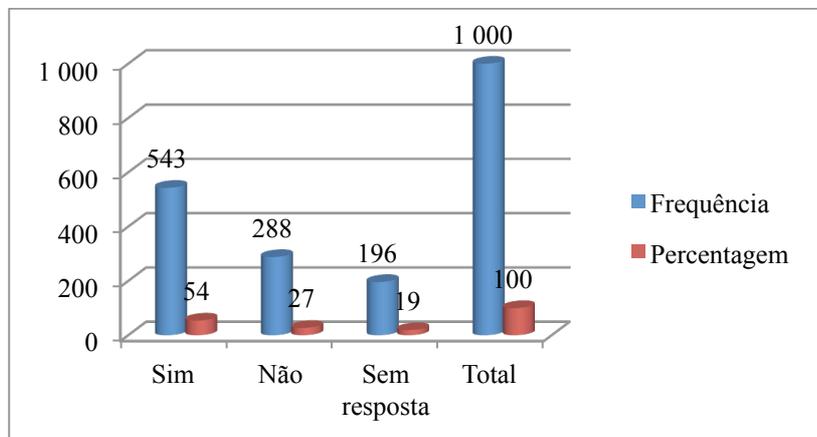
1- Já ouviu falar sobre etnicidade e o voto?

A esta pergunta 900 pessoas responderam sim, ou seja, 90 % da população inquirida; e 100 pessoas responderam Não, representando 10%.

Tabela nº 01

Opção	Frequência	Percentagem
Sim	900	90
Não	100	10
Sem resposta	0	0
Total	1 000	100

Gráfico nº 01



Fonte: Elaboração Própria

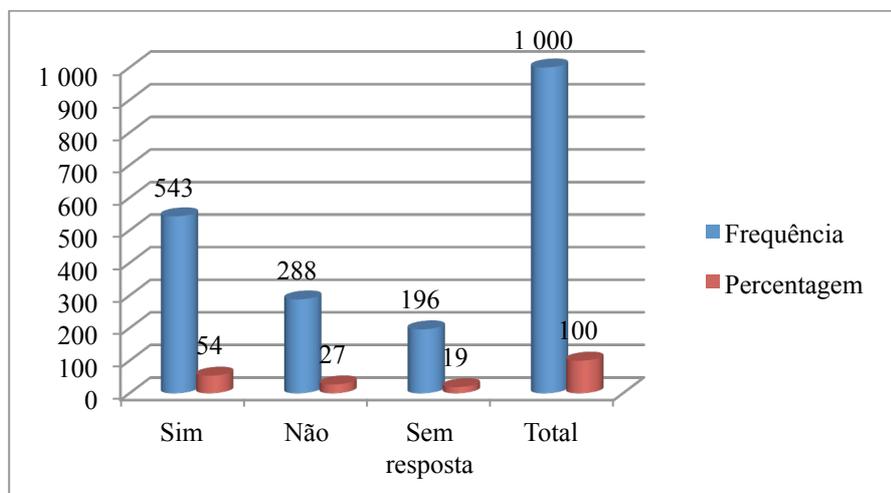
2- Existe voto étnico em Angola?

Dos 1000 inquiridos, 800 pessoas disseram que existe voto étnico, representando 80%, e 200 pessoas responderam Não ter noção.

Tabela nº 02

Opção	Frequência	Porcentagem
Sim	800	80
Não	200	20
Sem resposta	0	0
Total	1 000	100

Gráfico nº 02



Fonte: Elaboração Própria

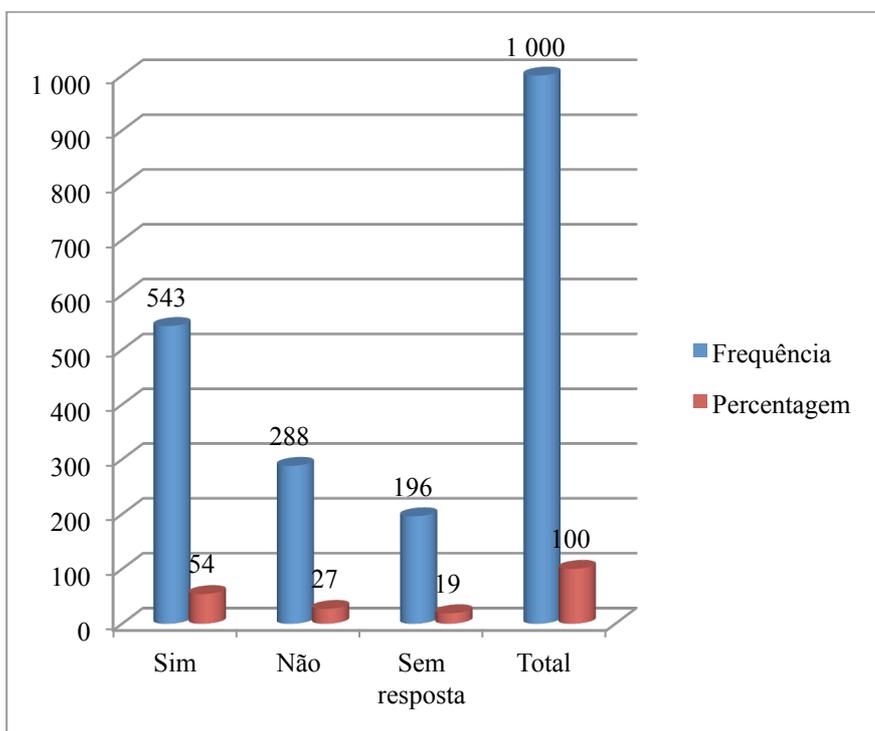
3- Conhecetes alguém que terá votado por vínculos étnicos?

Repondendo a esta pergunta, é o número dos que disseram que tiveram ou têm uma criança com baixo desenvolvimento, o que representa 54%. E 23 pessoas afirmaram nunca terem um caso em suas casas, o que representa 46%.

Tabela nº 03

Opção	Frequência	Porcentagem
Sim	540	54
Não	460	46
Sem resposta	0	0
Total	1 000	100

Gráfico nº 03



Fonte: Elaboração Própria

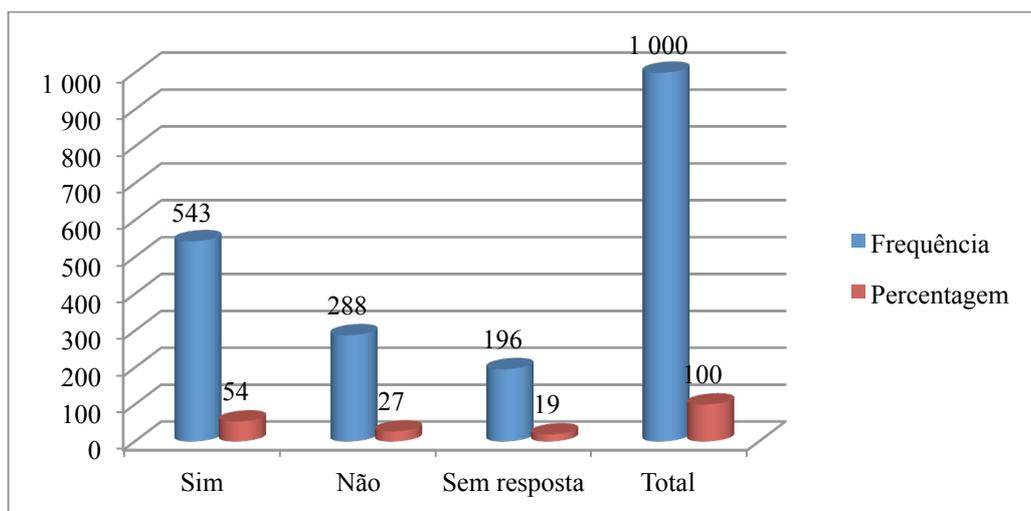
4- Os Partidos políticos em Angola, são étnicos?

753 pessoas dos inqueridos afirmam que existe partidos étnicos, o que representa 50%, enquanto que outros 149 ou seja 48% dizem que não existe partidos étnicos e 98 pessoas ficaram sem respostas , correspondendo 2%.

Tabela nº 04

Opção	Frequência	Percentagem
Sim	753	75.3
Não	149	14.9
Sem resposta	98	9.8
Total	1 000	100

Gráfico nº 04



Fonte: Elaboração Própria

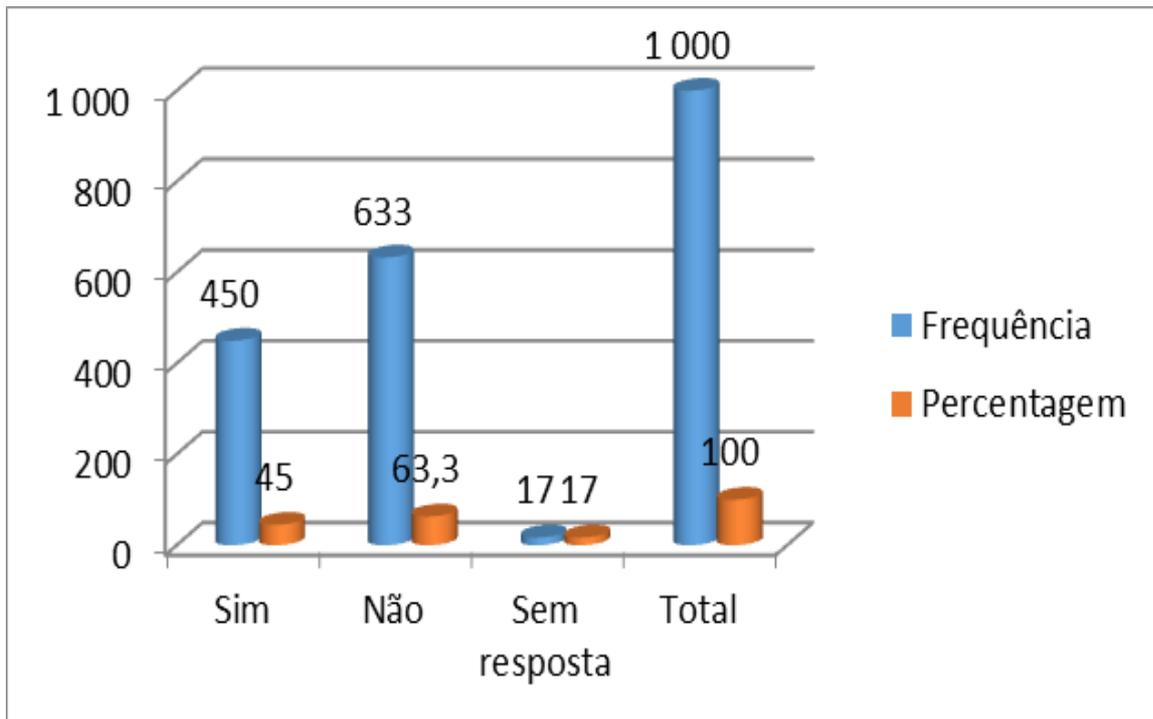
5- Será que a etnicidade joga um papel importante para a sociedade angolana?

É importante salientar que para os inqueridos 450, ou seja 45% é de opinião a etnicidade joga um papel fundamental nas eleições, 633 inqueridos defendem que não, o que corresponde 63,3%. E 17 pessoas ficaram sem respostas representando 1,7%.

Tabela nº 05

Opção	Frequência	Percentagem
Sim	450	45
Não	633	63,3
Sem resposta	17	1,7
Total	1 000	100

Gráfico nº 05



Fonte: Elaboração Própria

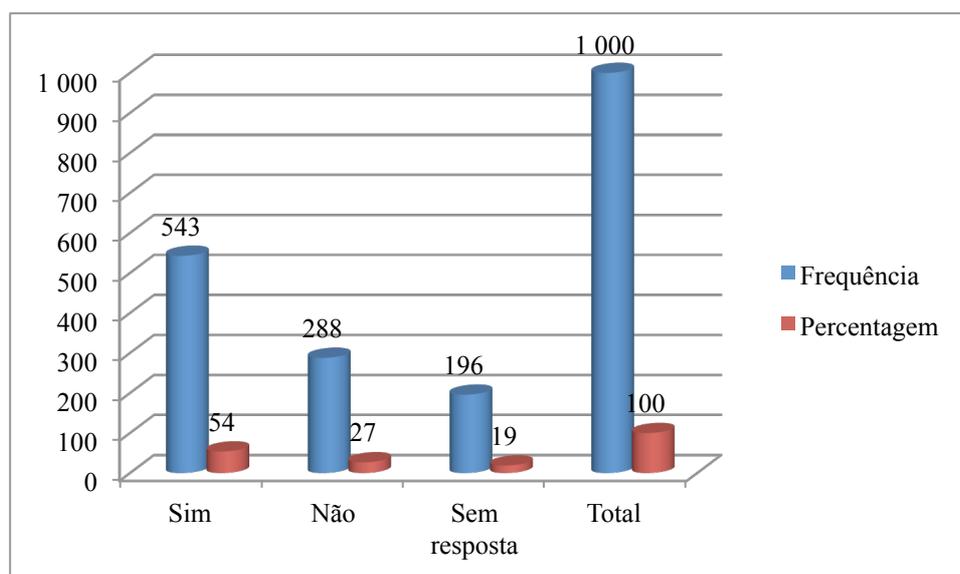
6- Qual seria a sua reacção, caso o teu partido ou candidato perca as eleições?

A maioria dos inquiridos, ou seja 543 pessoas responderam estar dispostos a chamar a uma manifestação (responderam Sim), o que representa 54%, 288 pessoas dizem conformar-se com o resultado (Responderam Não), o que representa 27%, 196 pessoas, representando 19%, dizem não ter nenhuma opinião.

Tabela nº 06

Opção	Frequência	Percentagem
Sim	543	54
Não	288	27
Sem resposta	196	19
Total	1 000	100

Gráfico nº 06



Anexo C - Entrevista feito a um Deputado

Estimado deputado, a realização desta entrevista insere-se no âmbito de uma investigação do ramo da ciências políticas, tem como objetivo Compreender a razão da existência do voto étnico em Angola; e Descrever as diferenças de voto étnicos existentes em Angola especialmente em Luanda – Cacuaco.

Nome (Se for possível) _____
Ocupação: _____, tempo de trabalho: _____, idade _____ anos, Sexo _____ Escolaridade? Básico _____ Médio _____ Tec. Superior _____ Partido Político _____

Todos os países da África subsariana possuem uma diversificação étnica com altos níveis de fraccionalização étnica. O regionalismo, o racismo e o tribalismo, são inimigos principais da sociedade e deste modo, a etnia tem grande influência no comportamento do cidadão no dia do voto.

Angola realizou em 2022 as 5ª eleições gerais, consideradas as mais renhidas de sempre.

Em cada questão responda com clareza sem omitir a verdade.

1- O que entendes por etnicidade e o voto ?

R: _____

1- Acreditas na existência de voto étnico em Angola? Se sim, justifique.

2- Acreditas que o partidos a que pertences é étnicos? Se sim, justifique

3- Das 5 eleições realizadas em Angola, quais delas pode – se notar maior influência étnica em termos de resultado?

4- Desde as eleições de 2012 – 2022 nota-se perda de mandatos do incumbente, principalmente na província de Luanda e a UNITA vem ganhando espaço. Porquê?

5- As eleições de 2022 foram as mais renhidas de sempre, o que levou na “ Perda ou Victória” do MPLA e da UNITA. Acreditas que a etnicidade teve alguma influência? Ou queixas comuns da não resulução de problemas básico?

6- Que influência teve a FPU na “victória ou perda” da UNITA nas últimas eleições?

7- Quais são os grandes desafios que a UNITA/FPU enfrentará, considerando que o país é composto por cidadãos de etnias e partidos diferentes?

OBRIGADO PELA ATENÇÃO

Anexo D - Entrevista feita ao Dr. Olívio Kilumbo

Pergunta: Qual é a tua opinião em relação as eleições de 2022?

Respostas

O que aconteceu em Angola, nunca tinha acontecido antes, e é uma demonstração inequívoca do grau de preparação política destas lideranças do grau de preparação política, cívica, demonstrou uma vontade de todos os angolanos bem como de uma grande parte do MPLA em fazer mudança.

O mpla tinha tres alas: uns que aceitaram que não ganharam e que era melhor entregar o poder, os ferrenho daquela máquina do regime instituido pelo mpla daqueles poderosos instalados que João Lourenço desmobilizou da parte de José Eduardo dos Santos e mobilizou os seus que estão agora no poder E os militantes de facto, pessoas que avreditam na causa do MPLA, e nós temos de respeitar essas pessoas, porque são estes que serão o suporte, quando o MPLA for para oposição.

O MPLA tem que ir para oposição para termos uma democracia de rotina de alternância constante.

Este é o objetivo que nos levou a entrar nesta luta. A FPU representa isto, um dos elementos mais importantes dos últimos 30 anos em Angola. A Unita passou a ser uma alternativa, há uma narrativa política que é muito forte, que é apoiada pela imprensa pública acoplada pelo regime, pois quando tu não tens a imprensa tudo que for dito a teu respeito é que fica verdade.

O que vai acontecer em Angola na alternância, sera feito pela Unita porque é o partido que nos próximo pleitos tem saído em 2 lugar, tem vindo a ganhar espaço. Os partidos em Angola obedeceram uma constituição etno, linguístico e regional geográfico, os Movimentos de Libertação Nacional foram mobilizados por regiões e por grupos étnicos e regionais e foram influentes na criação de uma vontade.

Em politica, a vontade vale mais que a consolidação legal. Primeiro são as vontades e depois tem que vir as consequências legais, etc, essa vontade é que é legítima porque depois tem que ser legalizada.

Em Angola temos um regime legítimo, mas que é ilegal, legalizadas por instituições que também são ilegítimas. Tens um país que tens instituições que são fracas, facilmente manipuladas que legalizam governos ilegítimos. Havia uma

legitimidade dos partidos de libertação Nacional que lhes foi dada pelo povo Angolano que tinha a vontade de liberta-se. Neste momento que vivemos em Angola, os partidos da oposição ganham legitimidade porque o povo quer libertar-se.

A legitimidade surgiram também, pela forma como decidiram resolver a nível do seu espaço geográfico. Essa legitimidade surgiu por proximidade (falamos a mesma língua, somos da mesma região geográfica, somos da mesma etnia), isso deu legitimidade. Essa é a característica do surgimento dos partidos políticos angolamos.

Desde a UPA, até.... é preciso dizer que na história de Angola o primeiro movimento é a UPA.

Havia uma vontade dos portugueses, por proximidade deixar o poder para aqueles que eram mais próximo, que era o MPLA, pois eram as pessoas assimiladas que tinham os hábitos e costumes dos portugueses e os não assimilados eram aqueles que não tinham hábitos e costumes dos portugueses.

Temos a questão da Unita. Jonas Savimbi vem do Grai, UPA e por questão de proximidade entende criar o seu movimento. As primeiras bases da Unita vem do Norte, depois foram os Kwanhamas e Tchokue e a última, é a base étnica ovimbundu.

Há voto étnico em Angola? Há.

O MPLA é mais ocidental, embora a sua base é o corredor do Kuanza (Luanda Catete, Kuanza Norte e Malanje). A Elite di MPLA é do Gulungo Alto (Os Mário Pinto, Vieira Lopes). Os Dembos no Nambuanguo, é a elite dos guerreiros, aqueles bravos (Nitos Alves....)

Depois tens a última nação criada em Angola (teoria em desenvolvimento pelo Dr Zeca Branco) que é a Nação Criola. Angola é um país de várias nações e cada um dos grupos étnicos representa uma nação. A Nação que foi criada nos últimos 200 anos fruto da Colonização, é a Criola. Essa nação Criola como recebeu o poder, nascido aqui, filhos de brancos e negros. Essas nação Criola tem uma relação muito forte com o ex colonizador, tem uma relação muito forte com Cabo verde, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe.

Muitos destes são angolano que saíram daqui como contratados que foram povoar estas ilhas. (Vê-se em São Tomé e Príncipe que parte da elite governativa é de irigem angolana). O sistema de Colonatos (os angolanos rebeldes iam para Cabo Verde e vice versa). Na Mabuya tem um Colonato. Esta elite entrou no poder. Esta é a consequência da Colonização. Nós temos que tirar o valor positivo deste elemento, que é transformou Angola num país multi étnico, multicultural e multi racial.

Hoje temos brancos, mulatos a querer ser presidente da República e ninguém consegue mudar isto porque são angolanos. Essa é a característica dos partidos políticos em Angola.

Houve voto étnico em Angola em 2022? Não. Houve espaço político que só ganha o MPLA e a UNITA? Não, isso acabou. MPLA perdeu no kuanza norte. Alguns dizem que a UNITA é só dos sulanos. Vai no Zaire, Uíge, Cabinda e em Luanda.

Em 1974 a UNITA foi corrida de Luanda. Morreu a sua elite. Em 1992 foi corrida em Luanda. Desde 92 a 2002 morre uma parte da elite e a UNITA vem para Luanda. 20 anos depois a unita ganhou em Luanda. Podemos dizer que a UNITA é do Sul? Não. É dos angolanos.

Pois conseguiu fazer um trabalho de 20 anos e transformou a vida do partido. O MPLA igualmente. No passado não era 5 - 0? Em Malanje dois deputados, Kuanza Norte dois deputados. E em Luanda 3.

Isto põe fim ao voto étnico, porque surgiu um dado interessante que a população angolana na ordem dos 74 % são de 0 à 14 anos e de 15 à 24 anos de idade. Houveram dois momentos em que para o regime se impor teve que eliminar a massa crítica, a massa pensante, a massa ativa. Em 1977 depois da independência, houve espírito do nacionalismo e o regime viu que houve muitos poderes paralelo ao regime e houve necessidade, por parte do regime eliminar essas pessoas, porque representava um perigo e Agostinho Neto eliminou toda sua raça, eliminou todos aqueles que representavam perigo para o regime. Ficamos 16 anos com partido único até 1991. Em 1991 surge o grito da democracia, um novo espírito de emancipação, de vontade luta, de liberdade. Perceberam que temos muitos poderes, vamos eliminar ... sexta-feira sangrenta.

Ovimbhndu e Mukongo, todos eliminados em Luanda e nalgumas altérias do país. O MPLA voltou a ter controlo. De 1992 à 2002 angola entra para a democracia, criaram uma espécie de controlo de espaço de influência política. Vamos para democracia sim, mas não vamos fazer uma transição de para democracia. A transição de para democracia, pressupõe liberalização econômica e democratização, estes dois elementos trazem Instituições como club de futebol, sindicatos, ordem dos profissionais, partidos políticos, igrejas, associações. Mas eles fizeram, que sempre que surge uma ordem, colocam indivíduos do MPLA, até nas igrejas. Isto é de 1992 à 2002 foram 10 anos de captura da democratização, conseguiram ter controlo de tudo, 2002 consolidam a captura das Instituições. 2002 - 2022 houve um fenómeno e José

Eduardo tinha razão, é da quantidade que se tira a qualidade e surge as Universidades. As Universidade foram fundamentais para consciência política, sobretudo os cursos de sociologia, direito, história, ciência política ou seja, as ciência sociais, fundamentais para formatar os angolanos.

Tivemos 20 anos de construção da sociedade, que não é mais e já não olha o voto étnico, olha crescimento e desenvolvimento, o país desenvolveu, não cresceu, tivemos dinheiro e tempo, não foi capaz.

Portanto e para terminar, estes 20 anos produziram uma nova sociedade, eles queriam usar a sua arma secreta que usaram em 1977 e em 1992. Sabes que não permitiu? Adalberto, Abel e Filomeno. O discurso da Marcha da liberdade, diz que o Sangue do meu povo vale mais que o poder. Se tivéssemos insistido naquela pressão, porque houve uma auscultação nacional, vamos tomar posse ou não? Tomem posse. A Unita tomou posse em 1997 e durante estes anos produziram leis que davam maioria ao MPLA.

A politica faz - se nas instituições, não tens hipóteses. O MPLA não é democrático e anda arrependido de ter colocado isto na Constituição, vamos jogar esta regra e vamos melhorar as nossas táticas. E para terminar existem duas teorias, eles queriam reiniciar o país como aconteceu em 1977 e 1992.

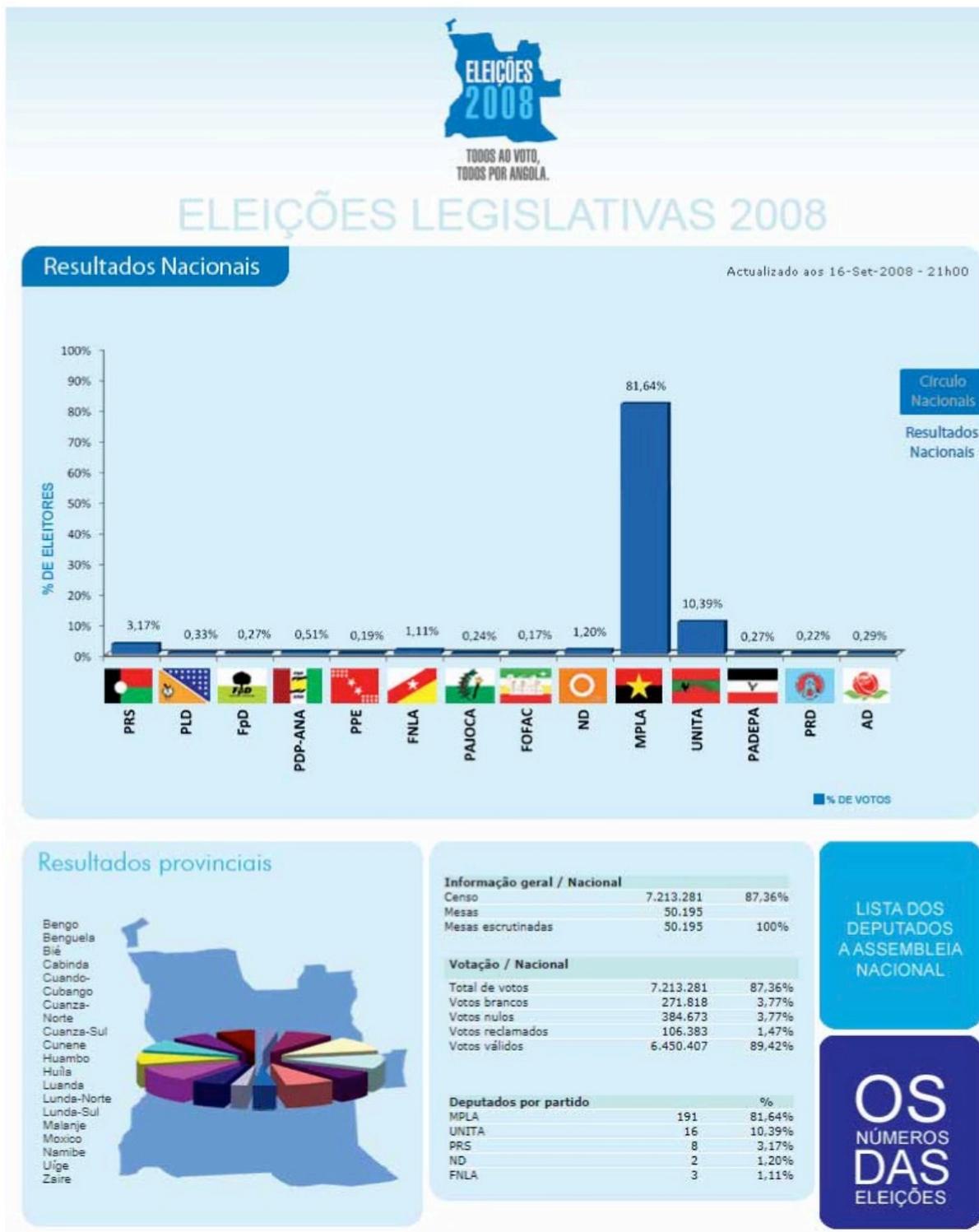
A população cresceu eles só iriam eliminar certas pessoas, que são aqueles que mobilizam, influenciam e transformam, depois isto iria reiniciar e teríamos mais 40 anos de MPLA e não vamos ter 40 anos de MPLA, te garanto, não sei se vão terminar o mandato pois a situação política não está boa, greves demosntram uma insatisfação popular. Se você estudou a revolução francesa, foram greves que tiraram o regime do poder. São greves em todos os cantos, quando João Lourenço tomou posse, greve; cinco anos depois greve. Isto tem que te dizer alguma coisa, setores chaves, saúde, educação, justica, se estes setores reclamam, não há como. A educação são 219 mil professores. Então a revolução em Angola ja está a acontecer. Este é um país que esteve emguerra más uma revolução sangrenta não é a solução, tem muitos poderes paralelos que vai complicar a nova gestão de quem assumir o poder. Quem vai a rua não é o partido político é a sociedade civil. Partido Político legitima como força para tomar o poder neste vácuo.

Infelizmente há duas coisas que não aconteceram em Angola: (a) Na luta sobre os choques do regime e (b) desgaste do regime. Sabem qual a corrente que venceu? Desgaste do regime, más funcionou. Deve-se negociar a transição. A

transição vem antes da alternância. A transição é um processo a alternância é a consolidação.

Quando há transição que é o famoso pacto de regime, vamos negociar aquilo que querem se eu ganho eu devo assegurar e o contrário também é válido. O MPLA não percebeu isso que é o pacto das elites, pacto de regime entre as elites. Não percebeu isto.

Anexos E - Resultado Das Eleições Legislativas Em Angola - 2008





Comissão Nacional
Eleitoral · ANGOLA

Os números das Eleições

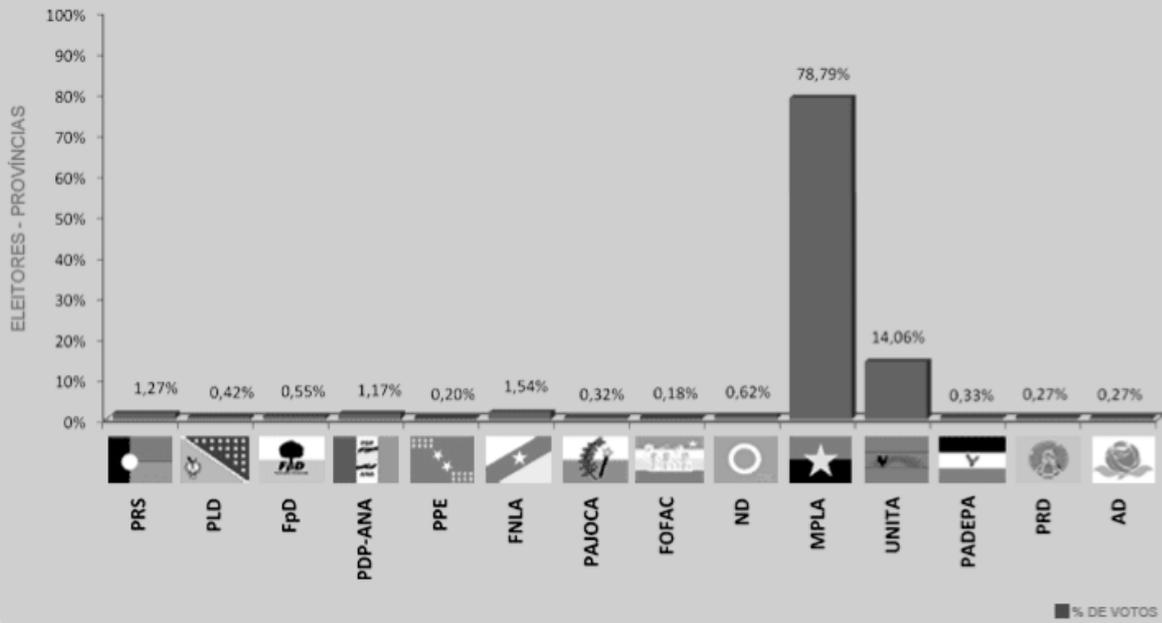


Dados Nacionais

Sigla		Votos
PRS		204.746
PLD		21.341
FpD		17.073
PDP-ANA		32.952
PPE		12.052
FNLA		71.416
PAJOCA		15.535
FOFAC		10.858
ND		77.141
MPLA		5.266.216
UNITA		670.363
PADEPA		17.509
PRD		14.238
AD		18.967

596 Observadores
779 Profissionais de mídia

8.256.584 Eleitores
12.274 Assembleias
50.195 Mesas



Informação geral

Censo	1.971.963	82,42%
Mesas	12.499	
Mesas escrutinadas	12.499	100%

Votação

Total de votos	1.971.963	82,42%
Votos brancos	40.144	2,04%
Votos nulos	70.871	3,59%
Votos reclamados	23.083	1,17%
Votos válidos	1.837.865	93,20%

Anexos F - Resultado Das Eleições Gerais Em Angola 2012

13/06/2018

Eleições Gerais 2012 - Resultados provisórios - Total Nacional

Eleições Gerais 2012 - Resultados Provisórios - Total Nacional

Total Nacional

Dados das 14:30
7 de Setembro de 2012

Informação geral			Votação		
Censo	9.757.671		Total de votos	6.124.669	
Censo escrutinado	9.757.671	100%	Votos brancos	212.023	3,46%
Mesas	25.359		Votos nulos	156.642	2,56%
Mesas escrutinadas	25.359	100%	Votos válidos	5.756.004	93,98%

Deputados a eleger: 220

Partido/coligação		Votos		Deputados
	MPLA MPLA	4.135.503	71,84%	175
	UNITA UNITA	1.074.565	18,66%	32
	CASA-CE Convergência Ampla de Salvação de Angola - Coligação Eleitoral	345.589	6,00%	8
	PRS Partido de Renovação Social	98.233	1,70%	3
	FNLA Frente Nacional de Libertação de Angola	65.163	1,13%	2
	ND Nova Democracia União Eleitoral	13.337	0,23%	
	PAPOD Partido Popular para o Desenvolvimento	8.710	0,15%	
	FUMA Frente Unida para a Mudança de Angola	8.260	0,14%	
	CPO Conselho Político da Oposição	6.644	0,11%	

Eleições Angola 2012 | Comissão Nacional Eleitoral

Eleições Gerais 2012 - Resultados Provisórios - Círculo Nacional

Círculo NacionalDados das 14:30
7 de Setembro de 2012

Informação geral			Votação		
Censo	9.757.671		Total de votos	6.124.669	
Censo escrutinado	9.757.671	100%	Votos brancos	212.023	3,46%
Mesas	25.359		Votos nulos	156.642	2,56%
Mesas escrutinadas	25.359	100%	Votos válidos	5.756.004	93,98%

Deputados a eleger: 130

Partido/coligação		Votos		Deputados
	MPLA MPLA	4.135.503	71,84%	94
	UNITA UNITA	1.074.565	18,66%	24
	CASA-CE Convergência Ampla de Salvação de Angola - Coligação Eleitoral	345.589	6,00%	8
	PRS Partido de Renovação Social	98.233	1,70%	2
	FNLA Frente Nacional de Libertação de Angola	65.163	1,13%	2
	ND Nova Democracia União Eleitoral	13.337	0,23%	
	PAPOD Partido Popular para o Desenvolvimento	8.710	0,15%	
	FUMA Frente Unida para a Mudança de Angola	8.260	0,14%	
	CPO Conselho Político da Oposição	6.644	0,11%	

Eleições Gerais 2012 - Resultados Provisórios - Luanda

LuandaDados das 14:30
7 de Setembro de 2012

Informação geral			Votação		
Censo	2.864.663		Total de votos	1.666.873	
Censo escrutinado	2.864.663	100%	Votos brancos	20.287	1,22%
Mesas	6.438		Votos nulos	60.899	3,65%
Mesas escrutinadas	6.438	100%	Votos reclamados	3.744	0,23%
			Votos válidos	1.581.943	94,90%

Deputados a eleger: 5

Partido/coligação		Votos	Deputados
	MPLA MPLA	940.785 59,47%	4
	UNITA UNITA	391.882 24,77%	1
	CASA-CE Convergência Ampla de Salvação de Angola - Coligação Eleitoral	203.212 12,84%	
	FNLA Frente Nacional de Libertação de Angola	18.766 1,18%	
	PRS Partido de Renovação Social	12.572 0,79%	
	ND Nova Democracia União Eleitoral	4.800 0,30%	
	CPO Conselho Político da Oposição	3.645 0,23%	
	PAPOD Partido Popular para o Desenvolvimento	3.159 0,19%	
	FUMA Frente Unida para a Mudança de Angola	3.122 0,19%	

Anexos G - Resultado Das Eleições Gerais Em Angola 2017

15/06/2018

Total Nacional - Escrutínio Definitivo - Eleições Gerais 2017 - República de Angola

Escrutínio Definitivo

TOTAL NACIONAL

Dados de 6 de Setembro de 2017

	Mesas	Censo	Percentagem de votos	
Totais	25.474	9.317.294	MPLA	61,08%
Escrutinado	25.474 (100%)	9.317.294 (100%)	UNITA	26,68%
			CASA-CE	9,45%
			PRS	1,35%
			FNLA	0,93%
			APN	0,51%

Partido/Coligação	Votos	
MPLA MPLA	4.164.157	61,08%
UNITA UNITA	1.818.903	26,68%
CASA-CE Convergência Ampla de Salvação de Angola - Coligação Eleitoral	643.961	9,45%
PRS Partido de Renovação Social	92.222	1,35%
FNLA Frente Nacional de Libertação de Angola	63.658	0,93%
APN Aliança Patriótica Nacional	34.976	0,51%

Informação Geral		
Participação	7.093.002	
Votos válidos	6.817.877	96,13%
Votos brancos	172.639	2,43%
Votos nulos	102.486	1,44%

Eleições Angola 2017 | Comissão Nacional Eleitoral

CÍRCULO NACIONAL

Dados de 6 de Setembro de 2017

	Mesas	Censo	Percentagem de votos	
Totais	25.474	9.317.294	MPLA	61,08% 
Escrutinado	25.474 (100%)	9.317.294 (100%)	UNITA	26,68% 
			CASA-CE	9,45% 
			PRS	1,35% 
			FNLA	0,93% 
			APN	0,51% 

Partido/Coligação		Votos	
	MPLA MPLA	4.164.157	61,08%
	UNITA UNITA	1.818.903	26,68%
	CASA-CE Convergência Ampla de Salvação de Angola - Coligação Eleitoral	643.961	9,45%
	PRS Partido de Renovação Social	92.222	1,35%
	FNLA Frente Nacional de Libertação de Angola	63.658	0,93%
	APN Aliança Patriótica Nacional	34.976	0,51%

Informação Geral		
Participação	7.093.002	
Votos válidos	6.817.877	96,13%
Votos brancos	172.639	2,43%
Votos nulos	102.486	1,44%

LUANDA

Dados de 6 de Setembro de 2017

	Mesas	Censo	Percentagem de votos	
Totais	6.568	2.884.398	MPLA	48,21% 
Escrutinado	6.568 (100%)	2.884.398 (100%)	UNITA	35,43% 
			CASA-CE	14,61% 
			FNLA	0,76% 
			PRS	0,60% 
			APN	0,38% 

Partido/Coligação		Votos	
	MPLA MPLA	1.033.852	48,21%
	UNITA UNITA	759.858	35,43%
	CASA-CE Convergência Ampla de Salvação de Angola - Coligação Eleitoral	313.378	14,61%
	FNLA Frente Nacional de Libertação de Angola	16.389	0,76%
	PRS Partido de Renovação Social	12.886	0,60%
	APN Aliança Patriótica Nacional	8.241	0,38%

Informação Geral		
Participação	2.190.986	
Votos válidos	2.144.604	97,89%
Votos brancos	16.750	0,76%
Votos nulos	29.632	1,35%